CENGAGE Learning

DUANE P. SCHULTZ E
SYDNEY ELLEN SCHULTZ

TEORIAS DA PERSONALIDADE



TRADUÇÃO DA 10ª EDIÇÃO NORTE-AMERICANA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schultz, Duane P.
Teorias da personalidade / Duane P. Schultz, Sydney Ellen Schultz ; tradução All Tasks, Priscilla Lopes e Lívia Koeppl ; revisão técnica Thaís Cristina Marques dos Reis]. -- 3. ed. -- São Paulo, SP : Cengage Learning, 2015.

Título original: Theories of personality.
10. ed. norte-americana.
Bibliografia.
ISBN 978-85-221-2393-3

1. Personalidade I. Schultz, Sydney Ellen. II. Título.

15-10725 CDD-155.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Personalidade : Psicologia 155.2

Teorias da personalidade

tradução da 10ª edição norte-americana

Duane P. Schultz
University of South Florida

Sydney Ellen Schultz

Revisão técnica

Maria Helena Leal de Barros Berkers
Especialista em Psicologia Clínica e Professora Emérita da
Universidade Metodista de São Paulo

Thaís Cristina Marques dos Reis
Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP),
é professora no curso de Psicologia da Universidade Anhembi-Morumbi/SP.

CENGAGE Learning®

Austrália • Brasil • Japão • Coreia • México • Cingapura • Espanha • Reino Unido • Estados Unidos

CENGAGE Learning®

Teorias da personalidade
Tradução da 10ª edição norte-americana
3ª edição brasileira

Duane P. Schultz
Sydney Ellen Schultz

Gerente editorial: Noelma Brocanelli

Editora de desenvolvimento: Salete Del Guerra

Editora de aquisição: Guacira Simonelli

Supervisora de produção gráfica: Fabiana Alencar

Especialista em direitos autorais: Jenis Oh

Título original: Theories of personality - 10th. edition

ISBN 13: 978-1-111-835323-1

ISBN 10: 1-111-83523-3

Tradução: All Tasks, Priscilla Lopes e Lívia Koeppl

Revisão Técnica: Maria Helena Leal de Barros Berkers e Thaís Cristina Marques dos Reis

Revisão: Tatiana Tanaka e Carla Nascimento

Diagramação: Crayon Editorial

Capa: Buono Disegno

Imagens de capa: Bogdandimages/Shutterstock

© 2009, 2006 Wadsworth, parte da Cengage Learning.
© 2016 Cengage Learning. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a permissão, por escrito, da Editora. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Esta editora empenhou-se em contatar os responsáveis pelos direitos autorais de todas as imagens e de outros materiais utilizados neste livro. Se porventura for constatada a omissão involuntária na identificação de algum deles, dispomo-nos a efetuar, futuramente, os possíveis acertos.

A Editora não se responsabiliza pelo funcionamento dos links contidos neste livro que possam estar suspensos.

Para informações sobre nossos produtos,
entre em contato pelo telefone **0800 11 19 39**

Para permissão de uso de material desta obra,
envie pedido para **direitosautorais@cengage.com**

© 2016 Cengage Learning. Todos os direitos reservados.

ISBN 13: 978-85-221-2393-3
ISBN 10: 85-221-2393-4

Cengage Learning
Condomínio E-Business Park
Rua Werner Siemens, 111– Prédio 11 – Torre A – Conjunto 12
Lapa de Baixo – CEP 05069-900 – São Paulo-SP
Tel.: (11) 3665-9900
Fax: (11) 3665-9901
SAC: 0800 11 19 39

Para suas soluções de curso e aprendizado, visite
www.cengage.com.br

Impresso no Brasil.

2 3 4 12 11 10

A Albert F. Green e June B. Green, com admiração.

Sumário

Prefácio à décima edição ..... **xiii**

Capítulo 1 – O estudo da personalidade: avaliação, pesquisa e teoria **1**

O estudo da personalidade 2
O lugar da personalidade na história da psicologia 3
Definições de personalidade 5
Personalidade, internet e redes sociais 7
Questões de gênero e etnia na personalidade 9
A avaliação no estudo da personalidade 10
A pesquisa no estudo da personalidade 23
A teoria no estudo da personalidade 29
Questões sobre a natureza humana 31
Resumo do capítulo 35
Perguntas de revisão 37

Parte 1 – A abordagem psicanalítica **39**

Capítulo 2 – Sigmund Freud: psicanálise **41**

A vida de Freud (1856-1939) 41
Instintos ou pulsões: as forças propulsoras da personalidade 46
Os níveis da personalidade 48
A estrutura da personalidade 49
Ansiedade: uma ameaça ao ego 52
Defesas contra a ansiedade 53
Estágios psicossociais do desenvolvimento da personalidade 56
Questões sobre a natureza humana 62
A avaliação na teoria de Freud 63
A pesquisa na teoria de Freud 65
Extensões da teoria freudiana 78
Reflexões sobre a teoria de Freud 81
Resumo do capítulo 82
Perguntas de revisão 83

Parte 2 – A abordagem neopsicanalítica 85

Capítulo 3 – Carl Jung: psicologia analítica 87
A vida de Jung (1875-1961) 87
Energia psíquica: opostos, equivalência e entropia 90
Os sistemas de personalidade 92
O desenvolvimento da personalidade 99
Questões sobre a natureza humana 102
A avaliação na teoria de Jung 103
O Inventário de Tipos Psicológicos Myers-Briggs (MBTI) 105
A pesquisa na teoria de Jung 106
Reflexões sobre a teoria de Jung 110
Resumo do capítulo 111
Perguntas de revisão 112

Capítulo 4 – Alfred Adler: psicologia individual 113
A vida de Adler (1870-1937) 113
Sentimentos de inferioridade: a fonte da luta humana 115
A luta pela superioridade ou perfeição 117
Estilo de vida 118
Interesse social 120
A posição na ordem de nascimento 121
Questões sobre a natureza humana 124
A avaliação na teoria de Adler 124
A pesquisa na teoria de Adler 127
Reflexões sobre a teoria de Adler 134
Resumo do capítulo 136
Perguntas de revisão 137

Capítulo 5 – Karen Horney: necessidades e tendências neuróticas 139
A vida de Horney (1885-1952) 140
A necessidade de segurança na infância 142
Ansiedade básica: o alicerce da neurose 143
Necessidades e tendências neuróticas 144
A autoimagem idealizada 148
Psicologia feminina: o mesmo caminho de mamãe ou uma carreira de verdade? 150
Questões sobre a natureza humana 153
A avaliação na teoria de Horney 153
A pesquisa na teoria de Horney 154
Reflexões sobre a teoria de Horney 156
Resumo do capítulo 157
Perguntas de revisão 158

Parte 3 – A abordagem do ciclo vital..... 161

Capítulo 6 – Erik Erikson: teoria da identidade..... 163
A vida de Erikson (1902-1994) 163

Estágios psicossociais do desenvolvimento da personalidade 165
Fraquezas básicas 172
Questões sobre a natureza humana 173
A avaliação na teoria de Erikson 174
A pesquisa na teoria de Erikson 175
Reflexões sobre a teoria de Erikson 188
Resumo do capítulo 189
Perguntas de revisão 190

Parte 4 – A abordagem genética....193

Capítulo 7 – Gordon Allport: motivação e personalidade....195
A vida de Allport (1897-1967) 196
A natureza da personalidade 198
Traços de personalidade 198
Motivação: a autonomia funcional dos motivos 200
O desenvolvimento da personalidade na infância: o *self* singular 202
A personalidade adulta saudável 204
Questões sobre a natureza humana 205
A avaliação na teoria de Allport 206
A pesquisa na teoria de Allport 207
Reflexões sobre a teoria de Allport 210
Resumo do capítulo 211
Perguntas de revisão 212

Capítulo 8 – Raymond Cattell, Hans Eysenck e outros teóricos dos traços 215
A vida de Cattell (1905-1998) 216
A abordagem de Cattell sobre os traços de personalidade 217
Traços originais: os fatores básicos da personalidade 219
Traços dinâmicos: as forças motivadoras 220
As influências da hereditariedade e do ambiente 221
As fases do desenvolvimento da personalidade 222
Questões sobre a natureza humana 222
A avaliação na teoria de Cattell 224
A pesquisa na teoria de Cattell 225
Reflexões sobre a teoria de Cattell....227
Genética comportamental 228
A vida de Hans Eysenck (1916-1997) 228
As dimensões da personalidade 228
Robert McCrae e Paul Costa: o modelo dos cinco fatores 232
Michael Ashton e Kibeom Lee: Hexaco – o modelo dos seis fatores 238
Traços de personalidade e a internet 239
Reflexões sobre a abordagem dos traços 240
Resumo do capítulo 241
Perguntas de revisão 241

Parte 5 – A abordagem humanista 243

Capítulo 9 – Abraham Maslow: teoria da hierarquia de necessidades 245
A vida de Maslow (1908-1970) 245
O desenvolvimento da personalidade: a hierarquia das necessidades 247
O estudo dos autorrealizadores 253
Questões sobre a natureza humana 258
A avaliação na teoria de Maslow 259
A pesquisa na teoria de Maslow 259
Teoria da autodeterminação 263
Reflexões sobre a teoria de Maslow 264
Resumo do capítulo 265
Perguntas de revisão 266

Capítulo 10 – Carl Rogers: teoria da autoatualização.....267
A vida de Rogers (1902-1987) 267
O *self* e a tendência à atualização 269
O mundo experiencial 271
O desenvolvimento do *self* na infância 271
Características de pessoas de pleno funcionamento 274
Questões sobre a natureza humana 276
A avaliação na teoria de Rogers 277
A pesquisa na teoria de Rogers 279
Reflexões sobre a teoria de Rogers 282
Resumo do capítulo 283
Perguntas de revisão 284

Parte 6 – A abordagem cognitiva.....285

Capítulo 11 – George Kelly: teoria do constructo pessoal 287
O movimento cognitivo na psicologia 287
A vida de Kelly (1905-1967) 288
A teoria do constructo pessoal 290
Modos de antecipar os eventos da vida 291
Questões sobre a natureza humana 296
A avaliação na teoria de Kelly 297
A pesquisa na teoria de Kelly 301
Reflexões sobre a teoria de Kelly 304
Resumo do capítulo 305
Perguntas de revisão 305

Parte 7 – A abordagem comportamental 307

Capítulo 12 – B. F. Skinner: teoria do reforço 309
Ratos, pombos e um organismo vazio 309
A vida de Skinner (1904-1990) 310

Reforço: a base do comportamento 311
Condicionamento operante e a caixa de skinner 313
Esquemas de reforço 315
Aproximações sucessivas: a modelagem do comportamento 317
Comportamento supersticioso 318
O autocontrole do comportamento 319
As aplicações do condicionamento operante 320
Questões sobre a natureza humana 322
A avaliação na teoria de Skinner 323
A pesquisa na teoria de Skinner 325
Reflexões sobre a teoria de Skinner 325
Resumo do capítulo 327
Perguntas de revisão 328

Parte 8 – A abordagem da aprendizagem social 329

Capítulo 13 – Albert Bandura: teoria da modelagem 331
A vida de Bandura (1925-) 332
Modelagem: a base da aprendizagem observacional 332
Os processos de aprendizagem observacional 336
Autorreforço e autoeficácia 339
Os estágios de desenvolvimento de modelagem e autoeficácia 341
Modificação do comportamento 343
Questões sobre a natureza humana 346
A avaliação na teoria de Bandura 347
A pesquisa na teoria de Bandura 347
Reflexões sobre a teoria de Bandura 354
Resumo do capítulo 355
Perguntas de revisão 356

Parte 9 – Miniteorias: explorando facetas da personalidade 357

Capítulo 14 – Miniteorias: *locus* de controle, busca de sensação, desamparo aprendido, otimismo/pessimismo, psicologia positiva e felicidade e sucesso 359
Julian Rotter: *locus* de controle 359
Marvin Zuckerman: a busca de sensação 364
Martin E. P. Seligman: desamparo aprendido e o estilo explicativo otimismo/pessimismo 371
Psicologia positiva 380
Reflexões 386
Resumo do capítulo 388
Perguntas de revisão 389

Capítulo 15 – Personalidade em perspectiva 391
O fator genético 391
O fator ambiental 392
O fator da aprendizagem 394

O fator parental 394
O fator do desenvolvimento 397
O fator da consciência 399
O fator do inconsciente 399
Perguntas de revisão 400

Glossário 401

Referências 409

Índice remissivo 473

Prefácio à décima edição

Cada edição de um livro-texto tem de ser tão imprescindível, dinâmica e sensível às mudanças quanto a área que cobre. Para ser um instrumento de ensino eficaz, ela precisa refletir a evolução da área e desafiar os seus leitores. Vimos o foco da personalidade mudar, começando com a teoria psicanalítica das neuroses do século XIX indo até a explorações de dimensões mais limitadas da personalidade do século XXI. E vimos também a base da exploração da personalidade mudar dos estudos de caso de pessoas emocionalmente perturbadas para pesquisas com maior base científica entre populações diferentes. O trabalho contemporâneo na área reflete diferenças no sexo, na idade e na orientação sexual, assim como na herança étnica, racial, religiosa e cultural.

Abrangência nova e mais ampla

Entre as principais mudanças desta edição está o material biográfico dos teóricos, que é apresentado para assegurar como a evolução de suas teorias pode ter sido influenciada por eventos de suas vidas particulares e profissionais. Essa abordagem mostra aos alunos que a evolução da ciência por meio da teoria e da pesquisa nem sempre é totalmente objetiva, podendo derivar também da intuição e da experiência pessoal, posteriormente refinadas e ampliadas por processos mais racionais e analíticos. As influências culturais e sociais nas crenças dos teóricos sobre a natureza humana serão descritas.

As seções sobre a pesquisa da personalidade foram atualizadas com mais de 350 novas referências para manter a ênfase nas questões atuais. Ao longo do texto, foram resumidos resultados de pesquisas nos boxes "Destaques"; este novo recurso apresenta listas em tópicos para ajudar o estudante a organizar e comparar os resultados de estudos investigativos.

Considerável material foi acrescentado sobre os efeitos do gênero, da etnia e da cultura; e também sobre as questões do desenvolvimento da personalidade, desempenho em testes e concepções mais amplas sobre a natureza humana. Apresentamos os resultados de pesquisas interculturais e diversos exemplos de pesquisas de mais de quase cinquenta nações em todo o mundo, não apenas de países de língua inglesa, mas da Europa, Ásia, Oriente Médio, África e América do Sul. Ampliamos a abrangência das questões étnicas na avaliação da personalidade para afro-americanos, asiático-americanos, hispano-americanos e populações americanas nativas.

Acrescentamos uma nova seção no Capítulo 1 para avaliar como os sites de redes sociais, como o Facebook, moldam e refletem nossas personalidades. O uso (ou abuso) da internet foi relacionado a vários tópicos, incluindo comportamento agressivo, desinibição, *locus* de controle, busca de sensações, bem-estar subjetivo, conteúdo dos sonhos, *cyber bullying* e "trolagem".

Há material novo sobre a avaliação da personalidade incluindo desde a realização de testes computadorizados e o uso de dispositivos eletrônicos pessoais, como diários nos quais são registradas amostras de pensamentos e de comportamentos. Atualizamos o material sobre o uso da internet como laboratório de psicologia para examinar um número e uma variedade maiores de sujeitos on-line e discutimos a controvérsia a respeito da publicação e descrição dos borrões de tinta de Rorschach na Wikipedia.

Para a teoria freudiana, acrescentamos materiais sobre a influência do inconsciente, controle do ego, resiliência do ego, agressão deslocada e catarse como uma forma de descarregar a raiva. São discutidas as diferenças culturais nos sonhos, incluindo relatos de sonhos de pessoas da cultura

islâmica. O crescente impacto da psicanálise na China é notado à medida que psicoterapeutas buscam tornar os conceitos freudianos compatíveis com os valores da sociedade chinesa.

Para Jung, discutimos as pesquisas no desenvolvimento do Inventário de Tipos Psicológicos Myers-Briggs e as diferenças comportamentais em função do tipo psicológico. Adicionamos pesquisas sobre a crise de meia-idade em mulheres e incluímos mais descrições das sessões de psicoterapia de Jung com seus pacientes. Sobre Adler, apresentamos novos achados sobre lembranças precoces, ordem de nascimento e interesse social. Sobre Horney, expandimos a cobertura sobre competitividade neurótica. Em Erikson, há material biográfico adicional e uma abordagem ampla dos estágios psicológicos de identidade, identidade étnica, identidade de gênero, diferenças culturais na pesquisa sobre a identidade e o papel da internet na criação de identidades virtuais. Para outras idades da população em geral, temos mais pesquisas disponíveis sobre as questões da generatividade na meia-idade e a integridade do ego na idade avançada.

Em Allport, discutimos mais pesquisas sobre o comportamento expressivo, diferenças culturais na expressão de emoções, reconhecimento computadorizado de expressões faciais e emoções e a transmissão computadorizada de expressões faciais por meio do uso de "emoticons". Para reforçar as pesquisas sobre bases genéticas da personalidade, apresentamos novas pesquisas em desenvolvimento sobre o trabalho de Eysenck sobre o modelo de cinco fatores. Descrevemos um modelo de seis fatores da personalidade, chamado de Hexaco, que gerou um interesse considerável. O capítulo sobre Maslow contém trabalhos suplementares sobre a autoestima e o capítulo sobre Skinner inclui pesquisas com sujeitos humanos sobre o comportamento supersticioso e o autocontrole. O capítulo sobre Bandura contém mais material sobre autoeficácia parental, diferenças culturais na autoestima, sobre a relação entre videogames e comportamento agressivo, e sobre o efeito da música *rap* no comportamento agressivo. O capítulo que destaca Rotter apresenta novo material biográfico e pesquisas atualizadas sobre *locus* de controle.

O capítulo que apresenta as miniteorias explora facetas específicas da personalidade, como *locus* de controle, busca de sensações, desamparo aprendido, otimismo/pessimismo, psicologia positiva, felicidade e sucesso. Novas formas de busca de sensações, como tatuagem, *body piercing* e a dependência de internet, são avaliadas. São relatadas diferenças culturais entre otimismo e pessimismo, bem como pesquisas interculturais sobre a psicologia positiva e os diferentes tipos de felicidade e sua relação com o sucesso.

A organização do texto

A décima edição de *Teorias da personalidade* dirige-se a alunos universitários que tiveram pouco contato anterior com as teorias da personalidade. O objetivo aqui é auxiliar alunos iniciantes e facilitar as suas tarefas de aprender sobre o estudo da personalidade. Nós escolhemos teóricos que representam enfoques psicanalíticos, neopsicanalíticos, estágios da vida, traços humanísticos, cognitivos, comportamentais e de aprendizagem social, bem como trabalhos clínicos e experimentais. O capítulo de conclusão revê as sete perspectivas principais pelas quais se pode encarar o desenvolvimento da personalidade e sugere formas de ajudar os alunos a tirar conclusões e conseguir dar um desfecho aos seus estudos.

Cada teoria no texto é tratada como uma unidade. Embora reconheçamos o valor de um enfoque de questões e problemas que compara as teorias no tocante a pontos específicos, acreditamos que um livro assim orientado é mais adequado para alunos de nível mais elevado. O texto voltado para teorias facilita a captação dos conceitos essenciais pelos alunos iniciantes e o gosto geral pela teoria. Apresentamos cada teoria da forma mais transparente possível, transmitindo as ideias, hipóteses, definições e os métodos mais importantes e discutimos os métodos de avaliação e pesquisa empírica de cada teórico, oferecendo as nossas avaliações e reflexões.

Exceto pela colocação de Freud em primeiro lugar em reconhecimento a sua prioridade cronológica, não dispusemos as teorias de acordo com a nossa ordem de importância. Cada teoria é apresentada na perspectiva de pontos de vistas concorrentes.

Uma nota sobre a diversidade

A primeira pessoa a propor uma teoria abrangente da personalidade foi Sigmund Freud, um neurologista clínico que formulou suas teorias enquanto tratava de pacientes em Viena, Áustria, no século XIX. Seu trabalho, conhecido como *psicanálise*, fundamentou-se em grande parte em sessões com mulheres brancas, europeias e ricas que vinham a ele se queixando de aflição emocional e de ideias e comportamentos perturbadores. Com base nas observações da evolução (ou ausência de evolução) de cada uma delas, ele ofereceu uma teoria para explicar as personalidades das pessoas. O seu sistema foi importante tanto pelos conceitos que propôs – muitos dos quais hoje em dia são parte da cultura popular – como pela oposição que provocou, inspirando outros teóricos a examinar e a divulgar suas próprias ideias para explicar a personalidade.

Hoje, os teóricos e pesquisadores da personalidade reconhecem que uma explicação baseada em um pequeno segmento homogêneo da população não pode ser aplicada a vários grupos diferentes de pessoas que compartilham um espaço no mundo. A situação é semelhante na medicina. Médicos e pesquisadores reconhecem que alguns medicamentos e tratamentos apropriados para jovens adultos não são adequados para crianças ou pessoas idosas. Algumas doenças predominantes em alguns grupos étnicos são raras em outros, o que exige diferenças na triagem e nos testes médicos de populações diferentes. A teoria de personalidade contemporânea tenta ser abrangente, estudando as influências de idade, sexo, raça, origem étnica, crenças religiosas e orientação sexual. Vemos exemplos dessa diversidade ao longo de todo o livro.

Agradecimentos

Agradecemos aos colegas e alunos que nos escreveram sobre o livro oferecendo sugestões para esta edição, e especialmente aos seguintes revisores: Charisse Chappell, da Universidade de Salisbury; Travis Langley, da Universidade Henderson State; Pamela Mulder, da Universidade Marshall; Ken Pearce, da Universidade Batista da Califórnia e Linda Rangell, do Instituto de Tecnologia de Nova York.

Duane P. Schultz
Sydney Ellen Schultz

Capítulo 1

O estudo da personalidade: avaliação, pesquisa e teoria

Você está prestes a iniciar uma jornada fascinante que aborda as várias ideias pelas quais psicólogos e outros cientistas avançaram para explicar a personalidade humana – a sua personalidade. Ela também conta a história das vidas de grandes teóricos e como suas próprias experiências podem ter influenciado as explicações que propuseram. Você já sabe o quanto a personalidade é importante. Tudo o que aprendeu até o momento, suas expectativas para o futuro e até mesmo seu estado de saúde são influenciados pela sua personalidade e a personalidade das pessoas com quem interage.

Organizamos as teorias pela sua perspectiva sobre a natureza humana, começando por Sigmund Freud. Consideramos extensões de sua teoria da psicanálise e discutimos os homens e as mulheres que revisaram suas ideias ou rebelaram-se contra seu sistema. Esses capítulos são seguidos de uma abordagem do ciclo vital, rastreando o desenvolvimento da personalidade do nascimento à velhice. Nós, então, discutimos as teorias que enfatizam os traços da personalidade individual, a saúde mental, os padrões predeterminados de comportamento e o aprendizado cognitivo a partir de situações sociais. Também introduzimos ideias para o século 21 e oferecemos algumas sugestões e conclusões a partir de nossa exploração da personalidade.

Nós também reconhecemos que os teóricos do último século raramente consideraram a importância da diversidade étnica e cultural. Você pode rapidamente perceber que não é apropriado generalizar tudo a todos, por exemplo, ideias formadas por um teórico que se baseou na observação clínica de mulheres neuróticas europeias, ou outro teórico que realizou testes em homens universitários nos Estados Unidos. Portanto, quando discutimos as pesquisas conduzidas a partir dessas teorias, e descrevemos seu uso para os problemas de diagnóstico e terapia da vida real, demonstramos a influência da idade, gênero, etnia, origem, crenças religiosas e orientação sexual.

Para tornar seu estudo mais fácil, incluímos esboços de capítulos, resumos, questões de revisão e listas de leitura. Palavras importantes estão definidas nas margens, e estas definições também foram listadas no glossário no fim do livro.

O estudo da personalidade

Todos têm uma

Todos têm uma personalidade e a sua vai ajudar a determinar os limites do sucesso e das realizações na sua vida. Não é exagero afirmar que sua personalidade é um de seus patrimônios mais importantes. Ela já ajudou a modelar grande parte de suas experiências e continuará a fazê-lo no futuro. Tudo o que você conseguiu até agora, tudo o que espera conseguir, se vai ser um bom cônjuge, bom pai ou boa mãe e até mesmo seu estado geral de saúde podem ser influenciados pela sua personalidade e pela das pessoas com quem você interage. Sua personalidade pode limitar ou expandir suas opções e escolhas, impedi-lo de partilhar certas experiências, ou permitir que você saiba aproveitá-las. Ela restringe certas pessoas, e abre o mundo para outras.

Quantas vezes você já descreveu alguém como tendo uma personalidade *maravilhosa*? Com isso, você está querendo dizer que essa pessoa é afável, agradável, boa companhia e alguém com quem é fácil se dar bem – o tipo de pessoa que selecionaria como amiga, companheira de quarto ou colega de trabalho. Se você for um gerente, talvez opte por contratá-la; se estiver preparado para se envolver em um relacionamento, talvez se case com essa pessoa, baseando-se na sua percepção da personalidade dela. Mas também já conheceu pessoas cuja personalidade descreveria como *péssima*. Elas podem ser indiferentes, hostis, agressivas, descorteses ou alguém com quem é difícil se dar bem. Você não as contrataria ou se associaria a elas e elas também poderiam, igualmente, ser rejeitadas e isoladas pelos outros.

Enquanto você julga a personalidade dos outros, eles também estão julgando a sua. Essas opiniões mútuas que moldam tanto a vida dos julgadores como a dos julgados são dadas inúmeras vezes no decorrer de nossa vida, sempre que nos deparamos com uma situação social que exige interação com novas pessoas. Obviamente, a quantidade e a variedade de situações sociais de que você está disposto a participar também são determinadas pela sua personalidade – por exemplo, a sua relativa sociabilidade ou timidez. Você sabe em que posição se encontra em relação a esse fator, assim como indubitavelmente tem um quadro razoavelmente claro da sua personalidade geral.

Descrevendo a sua personalidade

Claro que é fácil e rápido tentar somar o conjunto das características de personalidade de uma pessoa utilizando termos vagos como *maravilhosa* ou *péssima*. O assunto personalidade é complexo demais para uma descrição tão simplista, pois os seres humanos são demasiadamente complexos e mudam em situações diferentes, bem como com pessoas diferentes. Nós temos de ser mais precisos na nossa linguagem para definir e descrever adequadamente a personalidade. Por esse motivo, os psicólogos vêm se esforçando consideravelmente para elaborar testes que avaliem a personalidade.

Você pode achar que não precisa de testes psicológicos para lhe dizer como é a sua personalidade e, no geral, até pode estar certo. Afinal, provavelmente conhece a si mesmo melhor do que ninguém. Se lhe pedissem para descrever a sua personalidade, sem dúvida o faria sem pensar muito.

Então, façamos isso. Pegue papel e lápis e escreva a maior quantidade de adjetivos que conseguir para descrever como você realmente é e não como gostaria de ser ou como quer que os seus professores, pais ou amigos pensem que você é. Tente não usar a palavra "maravilhoso", mesmo que se aplique ao seu caso. Quantas palavras selecionou? Seis? Dez? Algumas a mais? Um teste de personalidade amplamente utilizado – a Lista de Conferência de Adjetivos – oferece uma quantidade surpreendente de 300 adjetivos para descrever a personalidade. As pessoas que estão fazendo o teste escolhem aqueles que melhor lhes descrevem. Não lhe pediremos para verificar os 300 adjetivos, somente os 30 que apresentamos no Quadro 1.1. Assinale aqueles que acredita que se aplicam a você. Agora, você tem uma descrição mais detalhada da sua personalidade, mas lembre-se de que, no teste de verdade, teria mais 270 para escolher.

QUADRO 1.1 ***Lista de verificação de adjetivos. Faça uma marcação perto das palavras que acredita que se aplicam a sua personalidade.***

——— afetuoso	——— alegre	——— ambicioso
——— assertivo	——— cínico	——— compreensivo
——— confiante	——— descontraído	——— desinibido
——— dominador	——— exigente	——— forte
——— generoso	——— impaciente	——— introvertido
——— irritável	——— mal-humorado	——— meigo
——— orgulhoso	——— otimista	——— persistente
——— pudico	——— receoso	——— sarcástico
——— sensível	——— sociável	——— submisso
——— teimoso	——— tolerante	——— vingativo

Como a personalidade se desenvolve?

O foco neste livro não é determinar como é a *sua* personalidade. Você não precisa de um curso de psicologia para aprender isso. O que estudaremos são as forças e os fatores que modelam a sua personalidade. Mais adiante neste capítulo, e ao longo de todo o livro, analisaremos algumas questões básicas sobre a natureza da personalidade, por exemplo: se nascemos com determinado tipo de personalidade ou se ela é formada a partir do que aprendemos com nossos pais; se ela é influenciada por forças inconscientes ou se muda depois da nossa infância.

Neste livro, descrevemos uma série de teorias que foram propostas para ajudar a responder a essas e outras perguntas relacionadas com a natureza humana. Depois de discuti-las – o que são, como se desenvolveram e o seu *status* atual –, avaliaremos a sua utilidade para responder às nossas questões e contribuir para uma compreensão do desenvolvimento da personalidade. Podemos pensar em cada um desses teóricos como peças que contribuem para a construção de um grande quebra-cabeça. É por isso que estudamos as suas ideias, embora alguns dos seus conceitos tenham sido formulados há décadas. Os psicólogos continuam tentando encaixar essas peças para formar uma imagem mais clara, um quadro mais completo do que nos faz ser como somos e determina o modo com que encaramos o mundo.

O lugar da personalidade na história da psicologia

Como o estudo da personalidade é tão fundamental para a compreensão da natureza humana, você poderia pressupor que ela sempre ocupou um lugar de destaque na psicologia. Por mais da metade da história da psicologia como ciência, no entanto, os psicólogos deram relativamente pouca atenção à personalidade.

A psicologia surgiu como uma ciência independente e basicamente experimental a partir de uma fusão de ideias emprestadas da filosofia e da fisiologia. Nasceu no final do século XIX, na Alemanha, e foi em grande parte obra de Wilhelm Wundt, que criou o primeiro laboratório de psicologia em 1879 na Universidade de Leipzig.

O estudo da consciência

A nova ciência da psicologia concentrou-se na análise da experiência consciente nas suas partes fundamentais. Os seus métodos tiveram como modelo o enfoque utilizado nas ciências naturais. A física e a química aparentemente estavam desvendando os segredos do universo físico, reduzindo toda a matéria aos seus elementos básicos e analisando-os. Se o mundo físico podia ser compreendido sendo desmembrado em elementos, a mente ou o mundo mental não poderia ser estudado do mesmo modo?

Wundt e outros psicólogos de sua época que estavam preocupados em estudar a natureza humana foram muito influenciados pelo enfoque das ciências naturais e continuaram a aplicá-lo no estudo da mente. Como esses pesquisadores se limitaram ao método experimental, eles estudaram somente os processos mentais que poderiam ser afetados por algum estímulo externo que pudesse ser manipulado e controlado pelo experimentador. Nesse enfoque de psicologia experimental, não havia espaço para um tópico tão complexo e multidimensional como a personalidade. Ele não era compatível com o assunto ou os métodos da nova psicologia.

O estudo do comportamento

Nas primeiras décadas do século XX, o psicólogo norte-americano John B. Watson, na Universidade John Hopkins, em Baltimore, Maryland, provocou uma revolução contra o trabalho de Wilhelm Wundt. O movimento de Watson, denominado **behaviorismo**, opunha-se ao foco de Wundt na experiência consciente. Mais dedicado que Wundt a um enfoque das ciências naturais, Watson argumentou que, se a psicologia quisesse ser uma ciência, teria de se concentrar somente nos aspectos tangíveis da natureza humana – o que pode ser visto, ouvido, registrado e mensurado. Só o comportamento evidente – e não a consciência – poderia ser o tópico legítimo da psicologia.

Behaviorismo

Escola da psicologia, fundada por John B. Watson, que se concentrava na psicologia como um estudo do comportamento evidente em vez de processos mentais.

A consciência, disse Watson, não pode ser vista ou experimentada. Consequentemente, como o conceito de alma para os filósofos, o conceito de consciência não tem significado para a ciência. Os psicólogos precisam lidar somente com o que podem manipular e medir, isto é, estímulos externos e as respostas comportamentais das pessoas a eles. Segundo Watson, o que acontece dentro da pessoa após o estímulo ser apresentado e antes de a resposta ser dada não pode ser visto. Como só podemos especular sobre isso, não é de interesse ou de valor para a ciência.

O behaviorismo apresenta uma visão mecanicista dos seres humanos como máquinas bem reguladas que respondem automaticamente a estímulos externos. Foi dito que o behaviorismo vê as pessoas como uma espécie de máquina automática de venda de refrigerantes. Colocam-se os estímulos, e as respostas adequadas, aprendidas com as experiências passadas, saem. Nessa teoria, a personalidade é um acúmulo de respostas aprendidas ou sistemas de hábitos, uma definição apresentada posteriormente por B. F. Skinner. Portanto, os behavioristas reduziram a personalidade ao que podia ser visto e observado objetivamente e não havia lugar na teoria para as forças do consciente e do inconsciente. No entanto, os teóricos mais recentes da aprendizagem social, que oferecem explicações derivadas das versões de behaviorismo de Watson e Skinner, restituíram à personalidade alguma medida de consciência.

Se Watson e os primeiros psicólogos comportamentais descartaram todas essas noções, sentimentos e complexidades que vêm à mente quando utilizamos a palavra personalidade, então de onde vêm estas ideias? O que acontece com a nossa consciência enquanto estamos acordados? Onde estão as forças inconscientes que às vezes parecem nos levar a agir de uma maneira sobre a qual sentimos não ter controle?

O estudo do inconsciente

Esses aspectos da natureza humana foram enfocados por uma terceira linha de questionamento, que surgiu independente de Wundt e Watson, e foram investigados por Sigmund Freud a partir da década de 1890. Freud, um médico de Viena, Áustria, chamou o seu sistema de **psicanálise**.

Psicanálise

A teoria da personalidade e o sistema de terapia de Sigmund Freud para tratar distúrbios mentais.

Psicanálise e *psicologia* não são sinônimos ou termos permutáveis. Freud não era psicólogo, mas um médico que exercia clínica particular e trabalhava com pessoas que sofriam de problemas emocionais. Embora treinado como cientista, ele não utilizou o método experimental; em vez disso, elaborou a sua teoria da personalidade com base na observação clínica de seus pacientes. Durante uma longa série de sessões psicanalíticas, aplicou sua interpretação criativa com base no que os pacientes lhe contavam sobre os seus sentimentos e suas experiências passadas, tanto as reais quanto as fantasiadas. Portanto, o seu enfoque diferencia-se muito da investigação laboratorial rigorosa dos elementos da experiência consciente ou do comportamento.

Inspirado pelo enfoque psicanalítico de Freud, um grupo de teóricos da personalidade desenvolveu conceitos peculiares do comportamento humano fora da corrente principal da psicologia experimental. Esses teóricos, os neopsicanalistas, concentravam-se na pessoa como um todo de acordo com a maneira como ela agia no mundo real, e não em elementos de comportamento ou de unidades de estímulos-respostas, como estudado na psicologia de laboratório. Os neopsicanalistas aceitavam a existência de forças conscientes e inconscientes, e os behavioristas, a existência apenas daquilo que eles poderiam ver. Consequentemente, os primeiros teóricos da personalidade eram especulativos em seus trabalhos, fundamentando-se mais em deduções baseadas na observação do comportamento de seus pacientes do que na análise quantitativa dos dados de laboratório.

O estudo científico da personalidade

Vemos então que a psicologia experimental e o estudo formal da personalidade começaram em duas tradições separadas, utilizando métodos distintos e visando atingir objetivos diferentes. É preciso observar que a psicologia experimental, nos seus anos de formação, não ignorava totalmente a personalidade – estudavam-se alguns de seus aspectos –, mas não existia uma área de especialização distinta denominada personalidade, como havia na psicologia infantil ou social.

Somente no final da década de 1930 o estudo da personalidade foi formalizado e sistematizado na psicologia norte-americana, principalmente com o trabalho de Gordon Allport, da Universidade de Harvard. O livro mais importante de Allport, *Personality: A Psychological Interpretation*, é considerado o marco do início formal do estudo da personalidade. Depois dos seus esforços iniciais, surgiram outros livros e revistas profissionais, jornais foram fundados, as universidades passaram a oferecer cursos e a fazer pesquisas. Essas atividades sinalizavam um reconhecimento cada vez maior de que algumas áreas que preocupavam os psicanalistas e neopsicanalistas poderiam ser incorporadas à psicologia. Os psicólogos acadêmicos começaram a crer que era possível desenvolver um estudo científico da personalidade.

De 1930 até hoje, surgiu uma grande variedade de abordagens para o estudo da personalidade. Neste livro, além dos enfoques psicanalíticos e behavioristas acima citados, discutiremos vários outros, como a abordagem do ciclo vital que argumenta que a personalidade continua a desenvolver-se durante toda a trajetória de nossas vidas; a abordagem dos traços, que defende que grande parte de nossa personalidade é herdada; a abordagem humanista, que enfatiza as forças humanas, virtudes, aspirações e a realização de nosso potencial; e a abordagem cognitiva, que lida com as atividades mentais conscientes.

Para terminar, exploraremos os trabalhos de teóricos que se concentraram em questões mais limitadas da personalidade, como *locus* de controle, comportamento de busca de sensações, o desamparo aprendido e outros. Concluímos com algumas observações gerais sobre o passado, o presente e o futuro do estudo da personalidade.

Definições de personalidade

Frequentemente utilizamos a palavra *personalidade* ao descrevermos outras pessoas e a nós mesmos. Mas sabemos o que ela significa? Talvez. De acordo com um psicólogo, poderemos até ter uma ideia se examinarmos o que queremos ao utilizar a palavra *eu* (Adams, 1954). Ao dizer *eu*,

na verdade você está resumindo tudo sobre si mesmo – do que gosta ou não, os seus temores e virtudes, pontos fortes e fracos. A palavra *eu* é o que o diferencia como indivíduo, separadamente de todos os outros.

Como os outros nos veem

Para definir a palavra mais precisamente, podemos examinar a sua origem. *Personalidade* vem da palavra latina *persona*, que se refere à máscara utilizada pelos atores em uma peça. É fácil perceber como *persona* passou a se referir à aparência externa, a face pública que mostramos aos que nos rodeiam. Portanto, baseados na sua derivação, podemos concluir que a personalidade diz respeito às nossas características externas e visíveis, àqueles nossos aspectos que os outros podem ver; seria, então, definida em termos da impressão que provocamos nas pessoas, isto é, aquilo que aparentamos ser. A sua definição em um dicionário comum concorda com esse raciocínio. Ela afirma que personalidade é o aspecto visível do caráter de uma pessoa, à medida que ela impressiona as outras.

Mas isso é tudo o que queremos dizer quando usamos a palavra *personalidade*? Estamos falando do que podemos ver ou do que uma pessoa parece ser para nós? A personalidade refere-se unicamente à máscara que utilizamos e ao papel que representamos? É evidente que, ao falarmos de personalidade, nos referimos a mais do que isso. Nós incluímos vários atributos de uma pessoa, o total ou um conjunto de características que vão além das qualidades físicas superficiais. A palavra também engloba uma série de qualidades sociais e emocionais subjetivas – as quais talvez não possamos ver diretamente – que uma pessoa pode tentar esconder de nós ou que podemos tentar esconder dos outros.

Características estáveis e previsíveis

Ao fazermos uso da palavra *personalidade*, podemos também estar nos referindo a características permanentes: pressupomos que ela seja relativamente estável e previsível. Embora reconheçamos, por exemplo, que um amigo possa ser calmo na maior parte do tempo, sabemos que ele ou ela pode se exaltar ou entrar em pânico em outras ocasiões. Assim, nossa personalidade pode variar conforme a situação. Entretanto, embora não seja rígida e imutável, em geral é resistente a mudanças repentinas.

Na década de 1960 surgiu um debate dentro da psicologia sobre o impacto relativo de variáveis pessoais permanentes, como traços e necessidades *versus* variáveis situacionais (veja Mischel, 1968, 1973). A controvérsia continuou por vinte anos e terminou com a conclusão de que a "dicotomia duradoura e geradora de controvérsias entre o efeito da situação *versus* o efeito da pessoa sobre o comportamento... é e sempre foi falsa" (Funder, 2001). Assim, a questão foi solucionada aceitando-se um enfoque interativo, concordando com o fato de que os traços pessoais duradouros e estáveis, os aspectos mutáveis da situação e a interação entre eles devem ser levados em consideração para proporcionar uma explicação completa da natureza humana.

Características peculiares

A nossa definição de personalidade pode incluir também o conceito da peculiaridade humana. Nós vemos similaridades entre as pessoas, mas sentimos que cada um de nós possui propriedades especiais que nos diferenciam dos outros. Assim sendo, podemos dizer que a **personalidade** é um agrupamento permanente e único de características que podem mudar em resposta a situações diferentes.

Personalidade

Os aspectos internos e externos peculiares relativamente permanentes do caráter de uma pessoa que influenciam o comportamento em situações diferentes.



Cristian Baitg/Getty Images

Nossa personalidade pode ser a máscara que usamos quando encaramos o mundo exterior.

Essa também não é uma definição com a qual todos os psicólogos concordam. Para maior precisão, analisemos o que cada teórico da personalidade quer dizer com o termo. Cada um deles oferece uma visão pessoal da natureza da personalidade e esse ponto de vista tornou-se a definição deles. E é disso que trata este livro: conseguir entender as várias versões do conceito de personalidade e analisar as diversas maneiras de definir a palavra *eu*.

Personalidade, internet e redes sociais

Vimos anteriormente que uma forma de definir a personalidade é em termos da máscara que usamos, a face pública que exibimos às pessoas que estão ao nosso redor. Cada vez mais, muitos de nós usamos outra face, não pessoalmente, mas através da internet em sites de redes sociais, como o Facebook. Como resultado, outra definição de nossa personalidade pode ser a forma como os outros nos veem on-line.

No entanto, eles estão nos vendo como realmente somos ou estamos criando on-line uma autoimagem idealizada que desejamos mostrar às outras pessoas? Estamos fingindo ser quem não somos ou estamos expressando uma descrição fiel de nossa personalidade? Pesquisas mostram que a maioria das pessoas é honesta em relação às suas faces on-line. Estudos conduzidos nos EUA e na Alemanha descobriram que sites de redes sociais não expressam imagens ou impressões exatas dos perfis de personalidade que oferecemos. Os pesquisadores concluíram que as representações das personalidades apresentadas on-line são pelo menos tão precisas quanto aquelas mostradas em interações pessoais face a face (Gosling; Gaddis; Vazire, 2007; Back *et al*., 2010). Outro estudo descobriu que leitores de blogs eram capazes de julgar as personalidades daqueles que postavam as entradas de forma consistente e precisa sem nunca tê-los visto pessoalmente (Li; Chignell, 2010).

É claro que, como sabemos, nem sempre somos honestos na forma como nos apresentamos pessoalmente, em especial quando conhecemos pessoas novas que desejamos impressionar, como um "paquera" ou um empregador. Com pessoas que já conhecemos há certo tempo, com aqueles com os quais nos sentimos seguros e que não representam uma ameaça, podemos ser menos propensos a fingir.

Talvez a principal diferença dos sites de redes sociais seja estarmos expostos a um número maior de pessoas do que em nossa vida cotidiana e a maiores consequências potenciais para nossa carreira e futuro.

Pesquisadores também demonstraram que sites de redes sociais como o Facebook podem moldar e refletir nossas personalidades. Um estudo com adolescentes chineses com idades entre 13 e 18 anos descobriu que o tempo excessivo gasto usando a internet resultou em níveis significativos de ansiedade e depressão em comparação a adolescentes que passam consideravelmente menos tempo on-line (Lam; Peng, 2010). Outra pesquisa descobriu que níveis altos de uso de internet podem reduzir o bem-estar psicológico e diminuir a qualidade das relações com amigos e parceiros românticos (Blais *et al*., 2008; Huang, 2010a).

Uma pesquisa on-line com estudantes universitários norte-americanos mostrou que aqueles que passam um tempo falando com seus pais ao telefone têm relações pessoais mais satisfatórias e sustentadoras do que os estudantes que se mantêm em contato com os pais por meio de sites de redes sociais. Além disso, estudantes universitários que se comunicam com seus pais em sites de redes sociais relataram maior solidão, ansiedade e conflitos em suas relações com os pais (Gentzler *et al*., 2011).

Além de afetar nossas personalidades, os sites de redes sociais também podem refleti-las. Um estudo com adolescentes em Cingapura mostrou que aqueles que eram mais extrovertidos e narcisistas (que têm um autoconceito inflado e não realista) eram muito mais propensos a usar o Facebook do que aqueles que não tinham altas pontuações nestas características da personalidade. Os adolescentes mais narcisistas também tinham uma maior probabilidade de atualizar seus *status* do Facebook com mais frequência (Ong *et al*., 2011).

Outros estudos sugerem que aqueles que relatam alto uso de redes sociais tendem a ser mais extrovertidos, mais abertos a novas experiências, com uma menor autoestima, menos conscientes e a ter pontuação mais baixa em testes de estabilidade emocional do que os que relatam níveis baixos de uso (Correa; Hinsley; De Zuniga, 2010; Mehdizadeh, 2010; Ross *et al*., 2009; Wilson; Fornasier; White, 2010).

Um levantamento com estudantes universitários entre 18 e 25 anos apontou que a maioria das fotos pessoais que eles postavam eram posadas, sem espontaneidade, e não mostravam outras pessoas. Eles eram cuidadosos ao selecionar imagens apropriadas para suas páginas nas redes sociais, sem mostrar consumo de álcool ou drogas, nudez ou conteúdo sexualmente sugestivo (Hum *et al*., 2011).

Diferenças de personalidade entre usuários de celulares também foram estudadas. Um estudo envolvendo adolescentes e adultos na Austrália mostrou que os extrovertidos e aqueles com um forte senso de autoidentidade passam muito mais tempo fazendo ligações e mudando os toques das chamadas e planos de fundo da tela do que os que tiveram pontuações baixas nestas características da personalidade. Estudos também descobriram que aqueles que eram mais neuróticos, menos conscientes e tímidos gastavam mais tempo mandando mensagens de texto em seus telefones celulares do que os que eram menos neuróticos e mais conscientes (Bardi; Brady, 2010; Butt; Phillips, 2008; Walsh *et al*., 2011).

Uma pesquisa com universitários norte-americanos apontou que pessoas tímidas tinham mais probabilidade de mandar mensagens de texto, pela razão aparentemente óbvia de que isso reduziria seus sentimentos de solidão (Bardi; Brady, 2010). Um levantamento on-line feito com adultos mostrou que o Twitter era usado com frequência como uma forma de satisfazer suas necessidades de se conectar com outras pessoas (Chen, 2011). Ambas as técnicas parecem funcionar bem para atingir seus objetivos.

Uma avaliação on-line com adultos de 18 a 70 anos revelou uma variedade de razões para criar e manter blogs como diários pessoais (Hollenbaugh, 2011):

- Exibicionismo.
- Uma forma de organizar pensamentos e ideias.
- Receber *feedback* ou conselhos dos outros.
- Passar o tempo.
- Uma forma de ajudar e informar os outros, compartilhando conhecimento.

A pesquisa também apontou que pessoas mais velhas eram mais propensas a escrever blogs para ajudar e informar os outros; blogueiros mais jovens eram motivados frequentemente pelo tédio.

Questões de gênero e etnia na personalidade

Os teóricos da personalidade aqui discutidos oferecem visões diferentes da natureza da personalidade humana. No entanto, apesar das suas divergências, eles compartilham de algumas características definidoras: todos são brancos, de origem europeia ou norte-americana e na maioria são homens. Não havia nada de extraordinário nessa situação, dado o período no qual a maioria desses pesquisadores e teóricos estava desenvolvendo suas ideias. Naquela época, quase todos os grandes avanços nas artes, filosofia, literatura e ciências, inclusive a elaboração do método científico, foram propostos por homens brancos norte-americanos ou europeus. Na maioria dos campos, as oportunidades educacionais e profissionais eram limitadas para as mulheres, negros e pessoas de outros grupos étnicos.

Além disso, na área de teoria da personalidade, quase todos os pacientes, clientes e pessoas estudadas em pesquisas nas quais essas teorias se baseavam também eram brancos – até mesmo os ratos de laboratório. Mas a maioria dos pacientes e sujeitos era formada por homens. No entanto, os teóricos de personalidade confiantemente ofereciam teorias que, por dedução, deveriam ser válidas para todas as pessoas, independente do gênero sexual, raça ou origem étnica.

Nenhum dos teóricos afirmou explicitamente que suas visões se aplicavam somente a homens ou a brancos ou a norte-americanos ou que suas ideias poderiam não ser úteis para explicar a personalidade de pessoas que fugiam a esse padrão. Embora os teóricos aceitassem, até certo ponto, a importância das forças sociais e ambientais na modelagem da personalidade, eles tenderam a ignorar ou minimizar a influência de antecedentes ligados ao gênero sexual e à etnia.

Nossas próprias experiências nos dizem que nossos irmãos foram expostos na infância a influências diferentes daquelas a que nós fomos e que, como resultado, cresceram com personalidades diferentes. Sabemos também de pesquisas em psicologia social e sociologia que crianças de ambientes diferentes – como de uma cidade do Meio-Oeste dos Estados Unidos com uma população predominantemente branca, uma comunidade de imigrantes asiáticos, um bairro hispânico de Los Angeles, uma aldeia dos Montes Apalaches, uma reserva de índios americanos ou um subúrbio negro abastado – são expostas a influências sociais e culturais diferentes. Se o mundo no qual as pessoas vivem e os fatores que afetam a sua criação diferem tanto, então com certeza podemos esperar como resultado que as suas personalidades sejam também diferentes umas das outras.

E elas são, como demonstrado em um crescente corpo de pesquisa. Por exemplo, pense em um estudo clássico comparando a personalidade de universitários chineses em Hong Kong e no Canadá. Os que moravam em Hong Kong, uma cultura oriental, eram mais introvertidos do que os que moravam no Canadá, uma cultura ocidental, dado que confirma uma pesquisa anterior que mostrava que as sociedades orientais no geral são mais introvertidas do que as ocidentais.

No mesmo estudo, imigrantes chineses que chegaram recentemente ao Canadá apresentaram um baixo nível de introversão similar ao dos chineses de Hong Kong. Contudo, os imigrantes chineses que residiam no Canadá há pelo menos dez anos e, por conseguinte, tiveram uma exposição maior à cultura ocidental, tiveram uma pontuação consideravelmente mais alta em extroversão do que os imigrantes mais recentes ou os residentes em Hong Kong. Nesse caso, as forças culturais provocaram um impacto na característica básica da personalidade (McCrae *et al*., 1998).

Meninos e meninas ainda são criados, em geral, segundo os estereótipos tradicionais, e esse tipo de criação influencia a personalidade de diferentes modos. As pesquisas têm documentado diversos casos de diferenças entre homens e mulheres em relação a fatores de personalidade específicos. Vamos observar alguns exemplos. Um estudo de larga escala sobre a intensidade da expressão e da consciência emocional comparou estudantes universitários de ambos os sexos de

duas universidades americanas e estudantes de ambos os sexos de escolas de medicina nos Estados Unidos e na Alemanha. Os resultados mostraram que as mulheres, de ambas as culturas, manifestaram mais intensidade e complexidade emocional do que os homens (Barrett *et al*., 2000). Um estudo com mais de 7 mil estudantes universitários de dezesseis nações islâmicas revelou que as mulheres tiveram pontuação significativamente mais alta em ansiedade do que os homens, em onze das dezesseis amostras estudadas (Al-Ansari, 2006).

Um estudo sobre estresse no trabalho mostrou que dirigentes mulheres relatavam com mais frequência dores de cabeça, ansiedade, depressão, transtornos do sono e transtornos alimentares do que os dirigentes homens. As mulheres relataram também uma incidência mais alta de fumo, alcoolismo e de uso de drogas como resposta ao estresse do local de trabalho (Nelson; Burke, 2000).

Outro estudo comparou a taxa de morte entre homens e mulheres de 45 anos após a aplicação de vários testes psicológicos. Os testes, aplicados em 1940, mediam interesse vocacional, grau de masculinidade e feminilidade e preferências ocupacionais. A média de idade dos sujeitos ao serem testados era de aproximadamente 30 anos. Os resultados mostraram claramente que aqueles que haviam escolhido ocupações consideradas "masculinas" em 1940, como piloto de avião, engenheiro, juiz, químico ou advogado, apresentaram uma taxa de mortalidade mais alta do que a dos que haviam escolhido outras ocupações. Os pesquisadores concluíram que alguns traços típicos relacionados ao gênero estavam altamente correlacionados com as taxas de morte (Lippa; Martin; Friedman, 2000).

Psicologia intercultural

A influência de forças culturais na personalidade é amplamente reconhecida na psicologia. Uma área de especialização denominada psicologia intercultural foi desenvolvida no fim dos anos 1960 e estimulou uma grande quantidade de pesquisas, que levaram à conclusão de que a personalidade é formada tanto por influências genéticas quanto ambientais. "Entre as últimas, as mais importantes são as influências culturais" (Triandis; Suh, 2002, p. 135).

Tudo isso representa um avanço, depois de anos de negligência. No entanto, comparativamente, foram realizadas menos pesquisas sobre a personalidade nos países da África e da América do Sul do que nos países de língua inglesa ou em muitos dos países da Europa e da Ásia. Além disso, diversas pesquisas realizadas com essas populações não foram amplamente publicadas em língua inglesa. Um outro problema que limita a aplicabilidade da pesquisa de personalidade intercultural é que a maioria dos estudos é feita com universitários como sujeitos. É questionável se podemos generalizar os resultados obtidos com estudantes universitários dos EUA para a população como um todo. Neste texto oferecemos resultados de pesquisas feitas com uma seleção mais ampla de participantes. Os estudos citados são de mais de quarenta países e de uma grande variedade de grupos etários, culturais, religiosos e étnicos.

A avaliação no estudo da personalidade

Examinar algo significa fazer uma avaliação. A avaliação da personalidade é uma área importante da aplicação da psicologia às preocupações do mundo real. Veja alguns exemplos do cotidiano. Os psicólogos clínicos buscam entender os sintomas de seus pacientes tentando avaliar a personalidade deles, diferenciando entre comportamentos e sentimentos normais e anormais. Só assim os clínicos podem diagnosticar transtornos e determinar a melhor terapia. Os psicólogos que trabalham em escolas avaliam a personalidade dos alunos que lhes são enviados para tratamento, tentando descobrir as causas dos problemas de adaptação ou aprendizado. Os psicólogos organizacionais avaliam a personalidade para selecionar o melhor candidato para determinado cargo. Os psicólogos que trabalham com orientação avaliam a personalidade para encontrar o melhor cargo para determinado candidato, associando os requisitos para a função com os seus interesses e necessidades. Os psicólogos pesquisadores avaliam a personalidade de seus sujeitos na tentativa de

explicar o seu comportamento em um experimento ou de relacionar os traços de sua personalidade com outras medidas.

Assim, independente do que você faz na vida ou de qual seja o seu trabalho, é difícil evitar que a sua personalidade seja avaliada de alguma forma. Na verdade, muito do seu sucesso em seu local de trabalho será determinado pelo seu desempenho em diversos testes psicológicos. Portanto, é importante possuir algum conhecimento de como são e de como funcionam.

Os conceitos de confiabilidade e validade

As técnicas de avaliação diferem quanto ao nível de objetividade ou subjetividade. Algumas delas são totalmente subjetivas e, portanto, sujeitas à parcialidade. Os resultados obtidos por meio de técnicas subjetivas podem ser distorcidos pelas características da personalidade da pessoa que está fazendo a avaliação. As melhores técnicas de avaliação da personalidade utilizam os princípios de **confiabilidade** e **validade**.

Confiabilidade. Envolve a consistência de respostas a um método de avaliação psicológica. Se você se submetesse ao mesmo teste em dois dias diferentes e recebesse duas pontuações extremamente diferentes, esse teste não poderia ser considerado confiável, porque os seus resultados não seriam consistentes. Ninguém poderia se basear nele para fazer uma avaliação adequada da sua personalidade. É comum encontrar uma ligeira variação na pontuação quando o teste é refeito, mas se ela for grande, provavelmente há algo errado com o teste ou com o método de pontuá-lo.

Confiabilidade

Consistência de respostas a um dispositivo de avaliação psicológica.

Validade. Refere-se ao fato de o método de avaliação medir ou não o que se pretende. Um teste de inteligência de fato mede a inteligência? E o de ansiedade mede a ansiedade? Se não medir, então não é válido e os resultados não podem ser utilizados para predizer o comportamento. Por exemplo, a sua pontuação em um teste de inteligência sem validade, por mais alta que seja, não terá utilidade para predizer como você irá se sair na faculdade ou em qualquer outra situação que requeira um alto nível de inteligência. Um teste de personalidade sem a característica da validade pode fornecer um quadro errôneo dos seus pontos emocionais fortes e fracos.

Validade

O grau em que um dispositivo de avaliação mede o que se pretende medir.

Métodos de avaliação. Os teóricos da personalidade apresentados neste livro desenvolveram métodos peculiares para avaliá-la – maneiras que eram apropriadas para as suas teorias. Aplicando-os, eles obtiveram os dados nos quais basearam as suas formulações. As técnicas variam em objetividade, confiabilidade e validade e vão da interpretação dos sonhos e lembranças da infância aos testes feitos no papel e aplicados por computadores. Hoje em dia, os principais enfoques de avaliação da personalidade são:

- Inventários objetivos ou de autorrelatos.
- Técnicas projetivas.
- Entrevistas clínicas.
- Procedimentos de avaliação comportamental.
- Amostragem de ideias e experiência.

É importante notar que a avaliação feita para um diagnóstico ou com objetivo terapêutico não pode se basear em um único teste; idealmente, muitas formas de avaliação são usadas para se ter uma gama de informações sobre a pessoa.

Testes de personalidade de autorrelato

A abordagem do **inventário de autorrelato** envolve pedir às pessoas que falem sobre si mesmas, respondendo a perguntas sobre o seu comportamento e sensações em várias situações. Esses testes incluem itens que lidam com sintomas, atitudes, interesses, receios e valores. Quem se submete a eles indica quão verdadeiramente cada afirmação descreve suas características ou quanto concorda com cada item. Um inventário de personalidade amplamente utilizado é o Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade (MMPI).

Inventário de personalidade

Técnica de avaliação da personalidade na qual os sujeitos do estudo respondem a perguntas sobre os seus comportamentos e sensações.

Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade (MMPI). Foi traduzido para mais de 140 idiomas e talvez seja o teste psicológico mais amplamente utilizado no mundo (Butcher, 2010; Cox; Weed; Butcher, 2009). Publicado pela primeira vez em 1943, foi revisado em 1989 para tornar a linguagem mais contemporânea e não sexista. Os itens também foram reescritos para eliminar palavras que haviam adquirido outros significados ou interpretações. A revisão de 1989, o MMPI-2, é um teste composto de 567 afirmações do tipo "verdadeiro" ou "falso". Esses itens abrangem: a saúde física e psicológica, atitudes sociais e políticas, fatores educacionais, profissionais, familiares e conjugais, além de tendências a comportamentos neuróticos e psicóticos. As escalas clínicas do teste medem características de personalidade, como: papel do gênero, defesas, depressão, histeria, paranoia, hipocondria e esquizofrenia. Alguns itens podem ser pontuados para determinar se quem se submeteu ao teste estava fingindo, foi descuidado ou não entendeu corretamente as instruções. Exemplos dos tipos de afirmações do MMPI são mostrados no Quadro 1.2.

QUADRO 1.2 ***Itens simulados a partir do Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade (MMPI). Responda "verdadeiro" ou "falso"***

– Às vezes eu sinto fortes cólicas intestinais.
– Estou sempre muito tenso no meu trabalho.
– Às vezes sinto como se algo pressionasse minha cabeça.
– Gostaria de fazer novamente algumas coisas que já fiz.
– Já gostei de dançar nas minhas aulas de ginástica.
– Angustia-me o fato de pessoas terem ideias erradas a meu respeito.
– As coisas que passam pela minha cabeça são, às vezes, horríveis.
– Há coisas lá fora querendo me pegar.
– Às vezes eu penso tão rápido que não consigo acompanhar.
– Eu desisto facilmente quando discuto com os outros.

O MMPI-2 é utilizado com adultos, nas pesquisas sobre personalidade, como um instrumento de diagnóstico de problemas de personalidade e para orientação vocacional e pessoal. Em 1992, foi criado o MMPI-A, para ser usado com adolescentes. A quantidade de perguntas foi reduzida de 567 para 478 para diminuir o tempo e o esforço necessários para administrá-lo.

Ambas as formas de teste têm as suas falhas, sendo uma delas a sua extensão. É necessário um tempo considerável para responder diligentemente à grande quantidade de itens. Algumas pessoas perdem o interesse e a motivação muito antes de terminar. Além disso, alguns dos itens desse e de outros testes inventários de personalidade lidam com características extremamente pessoais e algumas pessoas consideram as perguntas uma invasão de privacidade, em especial quando têm de fazer o teste para conseguir um emprego. Mesmo assim, apesar da extensão e do problema de privacidade, o MMPI-2 é um teste válido que diferencia neuróticos de psicóticos e pessoas emo-

cionalmente sadias de emocionalmente perturbadas. Portanto, ele continua sendo um instrumento de diagnóstico bastante válido.

Avaliação dos inventários de autorrelato. Embora existam vários inventários de autorrelato para avaliar diversas facetas da personalidade, os testes nem sempre são adequados para pessoas com nível de inteligência abaixo do normal ou para aquelas com capacidade de leitura limitada. As pesquisas mostram que até mesmo pequenas mudanças na redação das perguntas ou nas alternativas de resposta dos inventários podem levar a grandes mudanças nos resultados. Por exemplo, quando se perguntou a adultos o que eles achavam mais importante para as crianças aprenderem, 61,5% optaram pela alternativa "pensar por si mesmas". Mas, quando se pediu a eles que dessem a resposta – e não era fornecida lista de alternativas –, só 4,6% elaboraram essa resposta ou outra semelhante (Schwarz, 1999).

Existe também a tendência de dar respostas que pareçam socialmente mais aceitáveis ou desejáveis, em especial quando se submetem a testes como parte do processo de obtenção de um emprego. Considere uma questão do tipo MMPI: "frequentemente fico muito tenso no trabalho". Se você estivesse fazendo um teste para um emprego que realmente desejasse, não responderia "não" a essa questão? Quando um grupo de estudantes universitários se submeteu a um teste de autorrelato com instruções para que o respondessem de modo a parecerem tão bons e tão socialmente aceitáveis quanto possível, eles foram mais cuidadosos nas respostas e levaram mais tempo para completar o teste do que os estudantes que não estavam deliberadamente tentando parecer bons (Holtgraves, 2004). Resultados semelhantes foram mostrados com outros inventários de autorrelato. A maioria dos sujeitos achou fácil dar respostas falsas quando solicitada a fazê-lo em estudos de pesquisa (McDaniel *et al*., 2009).

Apesar desses problemas, os inventários autorrelatos continuam sendo o enfoque mais objetivo da avaliação da personalidade. A sua maior vantagem é que foram elaborados para que a pontuação seja obtida objetivamente. Praticamente qualquer um com o gabarito adequado pode avaliar esses testes de maneira precisa. Os resultados não dependem das tendências pessoais ou teóricas de quem efetua a contagem de pontos. A objetividade nessa contagem, junto com o uso amplamente difundido de computadores, levou a programas de avaliação automatizada para o MMPI-2 e a dezenas de outros testes. A contagem computadorizada fornece um perfil diagnóstico completo das respostas daqueles que se submeteram ao teste.

Aplicação de testes computadorizada

A maioria dos inventários de autorrelato pode ser feita em seu PC ou laptop em casa, no seu quarto ou no café dotado de Wi-fi que você frequenta. Muitas empresas preferem que os candidatos a um emprego façam o teste desse modo, como método de pré-seleção, em lugar de despender tempo e ocupar espaço nos escritórios da empresa. As vantagens da aplicação computadorizada de testes incluem:

- Consumo de menos tempo no processo e na organização.
- Custos inferiores.
- Pontuação mais objetiva.
- O método é prontamente aceito pelos membros mais jovens da força de trabalho.
- Evita que os que se submetem aos testes olhem as questões mais à frente (o que pode ser feito com os tradicionais testes em papel), e que mudem respostas já dadas.

Um considerável volume de pesquisas confirmou a utilidade dessa abordagem. Não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas a inventários de autorrelato feitos no papel e os mesmos testes aplicados on-line (ver, por exemplo, Chuah; Drasgow; Roberts, 2006; Clough, 2009; Luce *et al*., 2007; Naus; Philipp; Samsi, 2009).

Outra pesquisa mostrou que as pessoas têm probabilidade significativamente mais alta de revelar informações potencialmente embaraçosas quando respondem a inventários de autorrelato on-line do que a testes em papel aplicados por um examinador ao vivo. Aparentemente, muitas pessoas têm maior sensação de anonimato e privacidade quando interagem com um computador e revelam, portanto, mais informações pessoais.

Técnicas projetivas

Os psicólogos clínicos elaboraram **testes projetivos de personalidade** para o seu trabalho com pessoas emocionalmente perturbadas. Inspirados pela ênfase de Sigmund Freud na importância do inconsciente, esses testes tentam investigar essa parte invisível da nossa personalidade. A teoria subjacente às técnicas projetivas é a de que, quando deparamos com um estímulo ambíguo, como um borrão ou uma figura que pode ser interpretada de mais de uma forma, projetamos nossas necessidades, temores e valores no estímulo quando temos de descrevê-lo.

Teste projetivo

Um meio de avaliação da personalidade em que os sujeitos projetam suas necessidades pessoais, medos e valores nas interpretações ou na descrição de um estímulo ambíguo.

Como a interpretação dos resultados dos testes projetivos é subjetiva, eles não têm um alto grau de confiabilidade ou validade. É comum examinadores terem impressões diferentes sobre a mesma pessoa com base nos resultados de um teste projetivo. Neste caso, a confiabilidade entre avaliadores é considerada baixa. Mesmo assim, esses testes são amplamente utilizados para fins de avaliação e diagnóstico. Dois testes projetivos populares são as manchas de tinta de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática (TAT).

Técnica da mancha de Rorschach. O Rorschach foi criado em 1921 pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach (1884-1922), que era fascinado por manchas de tinta desde a infância. Quando menino, conheceu um jogo popular denominado *klecksographie* ou *blotto*, no qual as crianças dão as suas interpretações sobre desenhos de várias manchas. Rorschach ficou tão interessado em borrões que na adolescência recebeu o apelido de *Klecks*, que em alemão quer dizer borrão de tinta. Posteriormente, quando estava fazendo residência hospitalar em psiquiatria, depois de receber o seu título de doutor, ele e um amigo jogavam *blotto* com os seus pacientes para passar o tempo. Rorschach notou diferenças consistentes entre as respostas dos pacientes e aquelas oferecidas por crianças em idade escolar para as mesmas manchas.

Quando desenvolveu o seu teste com as manchas, Rorschach criou-os derramando pingos de tinta em um papel em branco e dobrando-o ao meio (veja Figura 1.1). Depois de experimentar vários padrões, decidiu-se por dez borrões, porque não tinha dinheiro para imprimir mais do que isso. Ele escreveu sobre o seu trabalho com borrões, mas a publicação foi um fracasso. Poucas cópias foram vendidas e as poucas críticas que recebeu foram negativas. Embora posteriormente o teste tenha se tornado extremamente popular, Rorschach ficou deprimido e morreu nove meses após a publicação do seu trabalho.

Mostram-se os cartões com as manchas de tinta um de cada vez (alguns em preto, outros coloridos) e pede-se às pessoas que estão fazendo o teste que descrevam o que estão vendo. Depois os cartões são mostrados uma segunda vez, e o psicólogo faz perguntas específicas sobre a resposta anterior. O examinador também observa o comportamento durante a sessão de teste, reparando nos gestos, na reação a determinados borrões e na atitude geral das pessoas que estão fazendo o teste. As respostas podem ser interpretadas de várias maneiras, dependendo de a pessoa ou paciente relatar que está vendo movimento, figuras humanas, animais, objetos animados ou inanimados e figuras parciais ou inteiras. Tentou-se padronizar a aplicação, contagem de pontos e interpretação do Rorschach. A mais bem-sucedida das tentativas – o Sistema Compreensivo – pretende, com base em uma pesquisa considerável, aumentar a confiabilidade e validade (Exner Jr., 1993).



Kovalchuk Oleksandr/Shutterstock.com

FIGURA 1.1 Uma mancha semelhante ao de Rorschach.

É preciso notar que não existe concordância universal sobre a utilidade e a validade do Rorschach, mesmo com os critérios do Sistema Compreensivo. Alguns pesquisadores concluíram que o Rorschach não tem base científica; outros insistem que o teste é válido como qualquer outra medida de avaliação da personalidade. Contudo, o Rorschach continua a ser a segunda técnica de avaliação mais usada nas pesquisas de personalidade e na prática clínica (Musewics *et al*., 2009). O Rorschach é amplamente usado em pesquisas na Europa e na América do Sul. As pesquisas sobre validade apoiam geralmente mais o MMPI do que o Rorschach. Assim, o MMPI pode ser usado com mais confiança, especialmente junto a grupos étnicos minoritários e grupos culturais diversos (veja, por exemplo, Wood *et al*., 2002).

Em 2009, psicólogos clínicos ficaram bastante preocupados ao descobrirem que a Wikipedia tinha reproduzido todas as dez manchas de tinta clínicas on-line, ao lado das respostas mais frequentes dadas a cada uma. Ainda há uma questão aberta sobre como a ampla disseminação dessa informação vai afetar as respostas das pessoas testadas (Cohen, 2009).

Teste de apercepção temática (TAT). Henry Murray e Christiana Morgan criaram o TAT (Morgan; Murray, 1935), um teste composto de dezenove figuras ambíguas mostrando uma ou mais pessoas e um cartão em branco. As figuras são vagas quanto aos eventos ilustrados e podem ser interpretadas de várias maneiras. Uma amostra de figura do TAT e uma possível interpretação são exibidas na Figura 1.2. Pede-se a quem o faz que crie uma história sobre as pessoas e os objetos da figura, descrevendo o que levou àquela situação, o que as pessoas estão pensando e sentindo e o que irá provavelmente acontecer como final da história criada. No trabalho clínico, os psicólogos consideram vários fatores para interpretar essas histórias, como os tipos de relacionamento pessoal envolvidos, as motivações dos personagens e o grau de contato com a realidade demonstrado por eles.

Não há sistemas objetivos de contagem de pontos para o TAT, e a sua confiabilidade e validade são baixas quando utilizadas para fins de diagnóstico. Contudo, o TAT revelou-se altamente



Henry A. Murray/Harvard College/Harvard University Press

FIGURA 1.2 Uma típica figura do teste de apercepção temática.

válido para a pesquisa. Para esse fim, foram criados sistemas de contagem de pontos para medir aspectos específicos da personalidade, como a necessidade de realização, afiliação e poder.

Outras técnicas projetivas. A associação de palavras e completar sentenças são outras técnicas projetivas que os psicólogos utilizam para avaliar a personalidade. No teste de associação de palavras, lê-se uma lista de palavras para a pessoa e pede-se que ela responda com a primeira palavra que lhe vier à mente. As palavras respondidas são analisadas quanto à sua natureza comum ou fora do comum, à sua possível indicação de tensão emocional e à sua relação com conflitos sexuais. A velocidade da resposta é considerada importante. O teste de completar sentenças também requer respostas verbais. Pede-se às pessoas que terminem frases como: "A minha ambição é..." ou "O que me preocupa...". A interpretação das respostas com ambos os enfoques pode ser extremamente subjetiva. Entretanto, alguns testes de completar sentenças, como o *Rotter Incomplete Sentence Blank*, oferecem uma contagem de pontos mais objetiva.

Entrevistas clínicas

Além dos testes psicológicos específicos utilizados para avaliar a personalidade de uma pessoa, o procedimento de avaliação geralmente inclui entrevistas clínicas. Afinal, pressupõe-se que podem ser obtidas informações valiosas conversando-se com quem estiver sendo avaliado e fazendo-se perguntas relevantes sobre suas experiências de vida passadas e planejadas para o futuro, relacionamentos sociais e familiares e os problemas que o levaram a procurar ajuda psicológica. Pode-se investigar uma vasta gama de comportamentos, sensações e ideias na entrevista, incluindo aparência geral, conduta e atitude, expressões faciais, postura e gestos, preocupações, grau de autocompreensão e de contato com a realidade.

Tendo os resultados dos testes psicológicos como o MMPI, que normalmente são aplicados antes ou durante uma série de sessões de entrevistas, o psicólogo pode se concentrar nos problemas indicados pelos resultados dos testes e explorar essas áreas com mais detalhes. A interpretação do material das entrevistas é subjetiva e pode ser afetada pela orientação teórica e pela personalidade do entrevistador. Mesmo assim, as entrevistas clínicas continuam sendo uma técnica amplamente utilizada para avaliar a personalidade e um instrumento útil quando complementado por procedimentos mais objetivos.

Avaliação comportamental

No enfoque da avaliação comportamental, um observador avalia o comportamento da pessoa em determinada situação. Quanto melhor ele conhecer a pessoa que está sendo avaliada, e quanto maior for a frequência de interação entre eles, mais precisas serão suas avaliações (Connelly; Ones, 2010). Os psicólogos Arnold Buss e Robert Plomin elaboraram um questionário para avaliar o grau dos vários temperamentos presentes em gêmeos do mesmo sexo (Buss; Plomin, 1984). Pediu-se às mães de gêmeos que assinalassem os itens que melhor descreviam exemplos específicos e facilmente discerníveis do comportamento de seus filhos, com base na observação deles. O Quadro 1.3 apresenta amostras de itens do questionário.

QUADRO 1.3 ***Amostras de itens da pesquisa de temperamento EASI de Buss e Plomin***

– A criança tende a chorar facilmente.
– A criança tem um temperamento ativo.
– A criança não consegue ficar sentada por muito tempo.
– A criança faz amigos facilmente.
– A criança tende a ser tímida.
– A criança muda rapidamente de um brinquedo para outro.

Como verificamos na seção de entrevistas clínicas, os psicólogos notam rotineiramente o comportamento de seus clientes, levando em consideração, por exemplo, expressões faciais, gestos nervosos e aparência geral e utilizam essas informações na formulação de seus diagnósticos. Essas observações são menos sistemáticas do que os procedimentos formais de avaliação do comportamento, mas os resultados podem oferecer compreensões valiosas.

Amostragem de ideias e experiências

No enfoque comportamental da avaliação da personalidade descrito nos parágrafos anteriores, comportamentos específicos são monitorados por observadores treinados. Na abordagem de avaliação de amostragem de ideias, as ideias da pessoa são registradas sistematicamente para dar uma amostra referente a determinado período de tempo. Como as ideias são experiências particulares e não podem ser vistas, o único que pode fazer esse tipo de observação é o indivíduo cujas ideias estão sendo estudadas. Neste procedimento, portanto, o observador e aquele que está sendo observado são a mesma pessoa.

O procedimento de avaliação de amostragem de ideias geralmente é utilizado com grupos, mas também tem sido aplicado individualmente para ajudar no diagnóstico e tratamento. Pode-se pedir ao cliente para escrever ou gravar ideias e estados de humor, para análise posterior pelo psicólogo.

Uma variação da amostragem de ideias é o método de amostragem de experiências. Ele é aplicado de maneira semelhante ao da amostragem de ideias, mas pede-se aos participantes que também descrevam os contextos social e ambiental nos quais a experiência está ocorrendo. Por exemplo, pode-se pedir aos participantes do estudo para observar se estavam sós ou não quando o bip eletrônico soou, alertando-os para registrar suas experiências ou, ainda, perguntar-lhes o que precisamente estavam fazendo ou onde se encontravam. O objetivo deste método é determinar como as ideias ou estados de humor podem ser influenciados pelo contexto no qual ocorrem.

Pesquisas de amostragem de ideias valem-se do desenvolvimento de dispositivos tecnológicos, como bips e relógios de pulso inteligentes que emitem um sinal quando o sujeito deve registrar seus pensamentos, experiências ou estado de humor. Dispositivos portáteis, como smartphones, também permitem que os participantes registrem suas avaliações de modo fácil e rápido. A introdução de dados eletrônicos permite conhecer a data e a hora em que foram feitos. Assim, os pesquisadores podem determinar se as avaliações estão sendo registradas do modo solicitado. Se forem introduzidas tarde demais, poderão ser influenciadas pelos caprichos da memória (veja, por

exemplo, Bolger; David; Rafaeli, 2003; Tennen; Affleck; Armeli, 2005). Na comparação entre os formatos eletrônicos e as técnicas que utilizam papel, em uma amostragem de ideias e pensamentos, os dados obtidos não apresentaram diferenças (Green *et al*., 2006).

Vamos considerar um exemplo de amostragem de experiências para a avaliação da personalidade. Um grupo de universitários manteve um diário na internet por 28 dias, descrevendo seu humor, bem como eventos estressantes e o modo como superavam essas dificuldades. O principal tipo de evento estressante estava relacionado a assuntos acadêmicos. O segundo tipo mais relatado de evento negativo foram as questões interpessoais – dar-se bem com os outros (Park; Armeli; Tennen, 2004). Outras abordagens da avaliação da personalidade poderiam não ter descoberto essas informações com tanta facilidade.

Uma possível limitação da experiência do método de amostragem é que os sujeitos podem estar tão ocupados fazendo outras coisas que se esquecem ou simplesmente não respondem ou registram atividades quando são alertados para tal. Como resultado, os dados úteis podem ser restritos apenas aos participantes mais conscientes da pesquisa. Também é possível que emoções ou humores – como raiva ou tristeza – afetem a natureza da informação relatada (Scollon; Kim-Prieto; Diener, 2009). Geralmente, no entanto, o método é útil para os pesquisadores e fornece dados comparáveis àqueles dos inventários de autorrelato.

Questões de gênero e etnia na avaliação

Gênero. A avaliação da personalidade pode ser influenciada pelo sexo de uma pessoa. Por exemplo, as mulheres tendem a fazer menos pontos do que os homens nos testes de assertividade, uma diferença que pode ser resultante do condicionamento cultural do papel dos sexos que tradicionalmente leva as meninas e as jovens mulheres a não se afirmarem. No entanto, qualquer que seja o motivo, os dados do teste de personalidade mostram diferenças entre os homens e as mulheres em uma série de características e em qualquer idade. Por exemplo, um estudo com 474 crianças, com 11 anos em média, mostrou que, entre as meninas, o nível de depressão e a preocupação relativa com o que os outros pensam eram mais altos do que entre os meninos (Rudolph; Conley, 2005).

Além disso, uma quantidade considerável de dados dos testes de personalidade, das entrevistas clínicas e outras medidas de avaliação indicam índices diferenciais de diagnóstico de vários problemas emocionais com base no sexo da pessoa. O diagnóstico e tratamento de depressão, ansiedade e problemas relacionados é mais frequente nas mulheres do que nos homens. Foram dadas várias explicações. Pode haver uma incidência maior desses problemas entre as mulheres por predisposição ou o índice diferencial pode estar relacionado ao preconceito ou ao estereótipo com relação às mulheres na interpretação dos resultados da avaliação. Além disso, os terapeutas que recomendam opções de tratamento com base nos resultados da avaliação podem ter preconceitos contra mulheres. A duração média da terapia para mulheres tende a ser mais longa do que para homens, e as doses de medicamentos psicoativos receitadas para mulheres tendem a ser mais altas do que para os homens.

Asiáticos. A população ásio-americana nos Estados Unidos é um grupo heterogêneo e inclui chineses, japoneses, filipinos, tailandeses, coreanos e vietnamitas, entre outros. Um teste psicológico como o MMPI, validado na principal cidade da China, pode não ser válido para os chineses que vivem nos Estados Unidos ou mesmo para os chineses que vivem em outras partes da China. Embora o MMPI e outros testes de personalidade tenham sido traduzidos para as línguas asiáticas, pouca pesquisa se fez sobre a sua confiabilidade e validade quanto ao uso com ásio-americanos.

Sabemos que existem diferenças culturais substanciais e consistentes entre os asiáticos e não asiáticos. Por exemplo, as pesquisas têm mostrado que pessoas com ascendência asiática tendem a manter fortes convicções sobre os bens comuns da sociedade como um todo. Quando se pediu a 108 adultos americanos e chineses, com idade entre 30 e 60 anos, que recordassem eventos de seu passado, os americanos lembraram mais experiências individuais ou pessoais e concentraram-se mais em seus comportamentos e sentimentos. Os adultos chineses, ao contrário, relataram mais

memórias de grupo e eventos históricos e concentraram-se mais nos papéis de outras pessoas significativas nessas situações do que neles mesmos (Wang; Conway, 2004).

A competitividade individual e a assertividade são frequentemente vistas como indesejáveis e contrárias aos padrões culturais asiáticos. Culturas ocidentais geralmente são retratadas como o oposto. Por exemplo, quando estudantes universitários na Austrália foram comparados com universitários no Japão, descobriu-se que os australianos enfatizavam a importância da individualidade muito mais do que os japoneses, enquanto os estudantes japoneses eram mais orientados para o coletivo ou grupo (Kashima *et al*., 2004). Em outro exemplo, um candidato a emprego ásio-americano recentemente imigrado para os Estados Unidos e que ainda não tenha adquirido os valores e convicções norte-americanos provavelmente terá uma pontuação baixa em um teste de personalidade que meça fatores como competitividade, assertividade e autopromoção. Essa pessoa provavelmente seria considerada deficiente, como quem não está à altura dos padrões norte-americanos, possivelmente não conseguindo o emprego.

Pesquisas sobre fatores de autoanulação e autovalorização corroboraram essas diferenças étnicas. A autovalorização tem sido definida como a tendência de se promover agressivamente e se tornar conspícuo. Sugeriu-se que a autoanulação – o oposto de autovalorização – estava mais de acordo com os valores culturais das sociedades asiáticas. Isso foi confirmado em um estudo de laboratório que comparava estudantes universitários canadenses e japoneses. A autovalorização era muito mais prevalente entre os estudantes canadenses; a autocrítica era significativamente mais evidente entre os estudantes japoneses (Heine; Takata; Lehman, 2000).

Resultados semelhantes foram obtidos em dois outros estudos que comparavam culturas coletivistas e culturas individualistas por meio de autoavaliações e respostas a questionários. Comparavam-se, nesse caso, estudantes universitários japoneses com estudantes universitários americanos e também estudantes de segundo grau chineses e universitários de Cingapura com estudantes de segundo grau e universitários judeus de Israel. Os resultados de ambos os estudos mostraram que os estudantes de culturas coletivistas (Japão e China) mostraram uma autocrítica significativamente mais elevada e uma autovalorização significativamente mais baixa do que os das culturas individualistas (Estados Unidos e Israel) (Heine; Renshaw, 2002; Kurman, 2001).

Uma revisão de pesquisas relacionadas deu suporte à afirmação de que as pessoas ocidentais, em geral, e os americanos em particular, mostravam mais otimismo e viam a si mesmos e a seu futuro mais positivamente. Eles consideravam superiores até seus times, cidades e amigos, quando comparados aos das culturas asiáticas (Endo; Heine; Lehman, 2000). Assim, quer a personalidade fosse avaliada por inventário de autorrelato, questionário e autoavaliação, quer por experimento de laboratório, a variável de personalidade de autovalorização estava relacionada consistentemente com as diferenças culturais.

Ansiedade e outras emoções negativas podem estar relacionadas a diferenças culturais. Quando os experimentos realizados com 45 estudantes ásio-americanos foram comparados com os de 38 estudantes euro-americanos, em estudo que utilizava diários, descobriu-se que os ásio-americanos relatavam um número muito maior de emoções negativas em situações sociais do que os euro-americanos (Lee; Okazaki; Yoo, 2006).

Ásio-americanos tendem a ver qualquer tipo de transtorno mental ou formal como uma condição vergonhosa e ficam embaraçados em admiti-la. Assim, têm menor probabilidade de procurar tratamento para problemas emocionais junto a terapeutas. Pesquisas mostraram consistentemente que ásio-americanos, especialmente imigrantes de primeira geração, subutilizam serviços de tratamento de saúde mental. Aqueles nascidos nos Estados Unidos são quase duas vezes mais propensos a buscar tratamentos do que aqueles nascidos fora dos EUA (Meyer *et al*., 2009). Descobriu-se que estudantes chineses de primeira geração nos Estados Unidos tinham uma probabilidade significativamente menor de buscar tratamento para questões emocionais do que estudantes europeus de primeira geração nos EUA (Hsu; Alden, 2008). Ásio-americanos tendem também a esperar até que o transtorno se torne severo antes de procurar ajuda e têm menor probabilidade de beneficiar-se com ela (Hwang, 2006).

Um psicólogo de Nova York relatou que seus pacientes chineses imigrantes queixavam-se inicialmente apenas de sintomas físicos, como dor nas costas ou dor de estômago, e nunca de depressão. Era preciso fazer muitas sessões até que eles adquirissem a confiança necessária para ousar descrever um problema como a depressão. Algumas línguas asiáticas, como o coreano, não têm uma palavra específica para a depressão. O psicólogo relatou que um paciente coreano finalmente bateu no peito com o punho e disse que estava com "o coração quebrado" e descreveu então a condição mental em termos físicos. Ásio-americanos também são menos propensos a tomar medicamentos antidepressivos em comparação aos brancos (Gonzales *et al*., 2010).

Com tais convicções contrastantes sobre a natureza de um transtorno específico, é fácil entender por que as pessoas de culturas diferentes podem ter pontuações distintas nos testes de variáveis da personalidade. Além disso, a prática de usar valores, convicções e normas americanas como o padrão pelo qual todos serão julgados ajuda a explicar muitas das pesquisas que mostram que os ásio-americanos tendem a receber diagnósticos psiquiátricos diferentes dos pacientes americanos de ascendência europeia.

Negros. Pesquisas realizadas nos anos 1990, em geral, mostraram diferenças consistentes entre sujeitos negros e brancos nos testes de personalidade de autorrelato. Com base em diferenças de resultado desse tipo, alguns psicólogos concluíram que testes de personalidade difundidos e usados com frequência, como o MMPI, eram tendenciosos em relação aos afro-americanos e não deviam ser usados para avaliar suas personalidades.

As evidências que dão suporte a esse ponto de vista foram contraditas por pesquisas posteriores que usaram o MMPI. Por exemplo, em um estudo com pacientes psiquiátricos (brancos e negros) internados em um centro de atendimento a veteranos, não foram encontradas diferenças significativas nas escalas dos testes (Arbisi; Ben-Porath; McNulty, 2002). Entretanto, foram encontradas diferenças entre estudantes universitários brancos e negros em um teste planejado para medir a paranoia. Os estudantes negros tiveram pontuação significativamente mais alta nos itens que mediam a falta de confiança nas pessoas, suspeita sobre suas motivações e tendência a manter-se alerta em relação aos outros. Esses achados significam que os negros são mais paranoicos do que os brancos? Não. Precisamos avaliar e interpretar esses e outros achados semelhantes dentro do contexto étnico e racial adequado. Assim, os pesquisadores observaram que "as diferenças de grupo podem refletir desconfiança ou cautela interpessoal causada por difundida discriminação e pressuposto racismo" (Combs; Penn; Fenigstein, 2002, p. 6).

Um estudo feito com veteranos que buscavam tratamentos para abuso de drogas apontou que os pacientes afro-americanos obtiveram uma pontuação maior do que a dos pacientes brancos na maioria das escalas do MMPI-2. Os pesquisadores concluíram que essas diferenças raciais consideráveis levantam preocupações a respeito do MMPI-2 como ferramenta de diagnóstico entre veteranos negros (Monnot *et al*., 2009).

Uma conclusão semelhante foi tirada ao interpretarem-se as pontuações mais altas do que as usuais em algumas escalas de alguns MMPI-2 de membros de duas tribos indígenas americanas. Os pesquisadores concluíram que esses resultados dos nativos americanos podiam refletir "a possibilidade de sofrimento psicológico causado pela opressão histórica e pela adversidade presente" (Pace *et al*., 2006, p. 320).

Outra pesquisa revelou que universitários afro-americanos que se identificavam fortemente com valores culturais negros tinham níveis mais baixos de depressão e desesperança do que aqueles que não tinham uma forte identificação cultural (Walker *et al*., 2010). No entanto, adolescentes negros que tinham uma alta pontuação em discriminação percebida relataram maior depressão, bem como autoestima e satisfação de vida mais baixas, do que aqueles que pontuavam mais baixo em discriminação percebida contra eles (Seaton *et al*., 2010).

Pesquisas realizadas sobre os efeitos de aconselhamento e de terapia com dois grupos de estudantes universitários negros mostraram que eles classificavam os terapeutas negros de modo mais favorável do que os terapeutas brancos. Os estudantes também aceitavam e compreendiam melhor

as opções de tratamento quando apresentadas por terapeutas negros e tinham também, nesse caso, probabilidade mais alta de acreditar que a terapia os beneficiaria (Thompson; Alexander, 2006; Want *et al*., 2004).

Hispânicos. Estudos mostram que as pontuações obtidas no MMPI pelas pessoas de origem hispânica são semelhantes àquelas obtidas pelos brancos (veja, por exemplo, Handel; Ben-Porath, 2000). Já com as técnicas projetivas a situação é diferente. Os resultados do Rorschach em sujeitos do México e de países da América Central e da América do Sul diferem significativamente das normas da contagem do Sistema Compreensivo. Assim, é questionável que tais normas sejam usadas junto às populações hispânicas (Wood *et al*., 2002).

Os hispânicos têm menos probabilidade do que outros grupos minoritários de buscar aconselhamento psicológico ou tratamento. Entre os que realmente procuram aconselhamento, metade nunca se apresenta a outra sessão para dar continuidade à primeira consulta (Dingfelder, 2005). Um estudo realizado com adolescentes brancos e hispânicos apontou que significativamente mais brancos recebiam cuidados de saúde mental adequados do que os hispânicos (Alexandre *et al*., 2009). Hispânicos nascidos no exterior são muito menos propensos a utilizar serviços de saúde mental do que hispânicos nascidos nos Estados Unidos (Bridges *et al*., 2010). Adolescentes hispânicos que buscam por tratamentos de saúde mental tipicamente são vistos pelos médicos por um período mais curto de tempo do que adolescentes brancos (Edman *et al*., 2010). Entretanto, um estudo feito com universitários mexicano-americanos revelou que, à medida que eles se tornam mais integrados com a cultura predominante dos EUA, suas atitudes em relação ao aconselhamento se tornam mais favoráveis (Ramos-Sanchez; Atkinson, 2009). Uma razão pode ser a ausência de psicólogos clínicos e de pessoal ligado à saúde mental de língua espanhola. Isso é importante porque, como observamos, quase 40% da população hispânica nos Estados Unidos não é fluente em inglês.

Estudos mostram que os hispano-americanos ficam mais satisfeitos com pessoal de saúde mental que entenda sua cultura, que é, em geral, em seu estado natural, altamente coletivista e, portanto, mais orientada ao grupo do que ao indivíduo (veja, por exemplo, Malloy *et al*., 2004). E eles apresentam probabilidade mais alta de beneficiar-se de uma terapia com psicólogos hispânicos, os quais, infelizmente, não passam de 1% dos psicólogos americanos. Isso pode explicar por que pessoas hispânicas mais velhas (com 65 anos ou mais) preferem buscar aconselhamento de saúde mental com seu médico de família em vez de com conselheiros, psicólogos ou psiquiatras, que tendem a não falar espanhol (Dupree *et al*., 2010).

A orientação coletivista pode ajudar a explicar as altas taxas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) encontradas em um estudo com policiais hispânicos quando comparados com policiais negros e brancos não hispânicos. Os policiais hispânicos relataram receber significativamente menos suporte social depois de incidentes críticos no trabalho que levavam ao TEPT. Os pesquisadores observaram que, para os policiais hispânicos, "a valorização cultural do coletivismo pode tê-los tornado particularmente sensíveis ao isolamento social, exacerbando, assim, seus sintomas" (Pole *et al*., 2005). Um estudo feito com sobreviventes civis com lesões físicas também encontrou uma taxa mais alta de sintomas de TEPT entre hispânicos em comparação aos brancos (Marshall; Schell; Miles, 2009).

É óbvio então que, no desenvolvimento das técnicas de avaliação de personalidade, é preciso considerar as diferenças culturais. Entretanto, até recentemente, poucos testes de personalidade, com exceção do MMPI, haviam sido publicados em língua espanhola. Essa situação está mudando, uma vez que já estão à disposição testes específicos para avaliar ansiedade, pânico, fobias, medos e transtornos de estresse pós-traumático. As versões em inglês e espanhol desses testes demonstraram alta correlação (ver, por exemplo, Scott; Mamami-Pampa, 2008; Zapata-Sola *et al*., 2009).

Destaques: Avaliação de personalidade

Asiáticos tendem a pontuar:
- Alto em coletivismo.
- Baixo em competitividade individual e assertividade.
- Baixo em autovalorização e otimismo.
- Baixo na tendência de buscar por tratamentos de saúde mental.

Afro-americanos tendem a pontuar:
- Baixo na confiança em outras pessoas.
- Baixo em desesperança e em depressão (se eles se identificarem com valores culturais negros).
- Alto em depressão.
- Baixo em autoestima se perceberem discriminação contra eles.

Hispânicos tendem a pontuar:
- Baixo na tendência a buscar por tratamentos de saúde mental.
- Alto em coletivismo.
- Alto em sintomas de TEPT depois de lesões.

Questões interculturais. Hermann Rorschach foi um dos primeiros a reconhecer os efeitos das diferenças culturais no desempenho em técnicas de avaliação da personalidade. Em 1921, ele registrou diferenças nas respostas a seu teste entre pessoas que viviam em duas áreas da Suíça, culturalmente diferentes. Ele escreveu que tais respostas "deveriam ser muito diferentes em povos e raças diferentes" (apud Allen; Dana, 2004, p. 192). Um estudo de índios americanos usando o MMPI-2 demonstrou como as respostas às questões do teste refletiam um comportamento que era considerado normal naquela cultura, mas patológico na cultura branca dominante (Hill; Pace; Robbins, 2010). Outra pesquisa reforça essa ideia de que fatores culturais podem afetar ou até mesmo distorcer a avaliação da personalidade; o que é normal em uma cultura pode ser julgado como indesejável, errado, doente ou apenas estranho em outras culturas (Cheung, 2009).

Embora alguns testes de personalidade tenham sido traduzidos para uso em outras culturas, há potencialmente problemas com essas aplicações interculturais (ver, por exemplo, Gudmundsson, 2009). Isso é particularmente fundamental quando um teste elaborado para uma cultura ocidental é aplicado a pessoas de uma cultura não ocidental, como a da China ou das Filipinas. Por exemplo, entre os chineses tradicionais, as características importantes da personalidade incluem ser afável, ter uma orientação familiar, enfatizar a harmonia com os outros e mostrar sobriedade no comportamento cotidiano. Nenhum desses fatores é comumente medido pelos inventários de personalidade norte-americanos.

Quando o MMPI-2 foi traduzido para o árabe, surgiu o problema de como tratar as perguntas sobre a vida sexual da pessoa. Nos países árabes, qualquer discussão aberta sobre sexo é considerada inadequada, até mesmo ofensiva. Os pesquisadores decidiram manter as perguntas sobre sexo no teste, mas especificar nas instruções que responder a esses itens era opcional. Um estudo realizado com estudantes universitários no Irã apontou que mais de 90% optou por não responder aos itens relacionados com sexo (Nezami; Zamani; DeFrank, 2008).

O TAT não pode ser usado nas culturas islâmicas em razão da proibição muçulmana de representar os seres humanos sob a forma de figura. Quando se pediu a grupos de mulheres europeias e mulheres muçulmanas que inventassem histórias em resposta às figuras do TAT, as mulheres europeias o fizeram com facilidade, enquanto as muçulmanas hesitaram. O pesquisador observou que as mulheres muçulmanas "recusaram-se sistematicamente a dar interpretações coerentes. Recusaram-se a inventar ou a construir uma ficção [a partir das figuras]" (Bullard, 2005, p. 235).

Os tradutores dos testes de personalidade norte-americanos para uso em outras culturas também se deparam com o problema da gíria e das expressões idiomáticas norte-americanas. Frases como "*I often get the blues*" [Estou sempre deprimido] ou "*I like to keep up with the Joneses*" [Quero estar por cima] podem não ter sentido em outra língua. Algumas perguntas do teste também não farão sentido porque falta nelas a referência à experiência cotidiana. A frase "eu gosto de esquiar depressa" não teria nenhum significado pessoal para aqueles que sempre viveram no deserto ou nos trópicos e, portanto, pouco revelaria sobre a personalidade deles.

Mesmo a maneira pela qual as pessoas nos Estados Unidos respondem às perguntas dos testes pode diferir das outras culturas. Responder aos itens em um formato de verdadeiro ou falso ou de múltipla escolha parece natural aos estudantes universitários norte-americanos, que são submetidos a esses tipos de testes desde a infância. Para outros, pode ser estranho responder a tais perguntas. Quando o MMPI foi introduzido pela primeira vez em Israel, nos anos 1970, muitas pessoas acharam que era difícil respondê-lo, pois não tinham familiaridade com o formato de respostas verdadeiro-falso. As instruções do teste tiveram de ser reescritas para explicar aos participantes da pesquisa como deveriam respondê-las (Butcher, 2004). Mas o retrabalho dos testes de personalidade para assegurar que reflitam e meçam com precisão as variáveis relevantes da personalidade é difícil e requer conhecimento e sensibilidade em relação às diferenças culturais.

A pesquisa no estudo da personalidade

Um critério para uma teoria da personalidade útil é que ela precisa incentivar a pesquisa. Em outras palavras, uma teoria tem de ser testável. Os psicólogos devem ser capazes de fazer pesquisas sobre as suas proposições para determinar quais delas aceitar e quais rejeitar. O ideal seria que uma teoria fosse moldada, modificada e elaborada – ou descartada – com base na pesquisa que gera.

Os psicólogos estudam a personalidade de maneiras diferentes; o método utilizado depende do aspecto da personalidade que está sendo investigado. Alguns psicólogos estão interessados somente no comportamento manifesto – o que fazemos e dizemos em resposta a determinados estímulos – e outros se preocupam com sentimentos e experiências conscientes, de acordo com o que é medido pelos testes e questionários. Esses inventários estão entre as técnicas de pesquisa utilizadas. Outros investigadores tentam entender as forças inconscientes que nos motivam. Um método útil para examinar um aspecto da personalidade pode ser inadequado para outro aspecto.

Os principais métodos utilizados na pesquisa da personalidade são o clínico, o experimental, o virtual e o correlacional. Embora diferentes em questões específicas, esses métodos baseiam-se na observação objetiva, que é a principal característica definidora da pesquisa científica em qualquer disciplina.

O método clínico

O método clínico primário é o **estudo de caso** ou história do caso, no qual o psicólogo busca pistas no passado e no presente dos seus pacientes que possam indicar a fonte dos seus problemas emocionais. Submeter-se a um estudo de caso é semelhante a escrever uma minibiografia da vida emocional da pessoa desde os primeiros anos de vida até o momento, incluindo sentimentos, temores e vivências.

Estudo de caso

Histórico detalhado de uma pessoa que contém dados de fontes variadas.

Freud utilizou vastamente estudos de caso na elaboração da sua teoria da psicanálise, investigando os anos de infância dos seus pacientes e buscando os acontecimentos e conflitos que pudessem ter causado as suas neuroses atuais. Um desses pacientes era Katharina, de 18 anos, que sofria de ataques de ansiedade e falta de ar. Reconstruindo o que considerava experiências relevantes na

sua infância, ele relacionou os sintomas a várias experiências sexuais relatadas por ela, incluindo tentativa de sedução pelo seu pai quando tinha 14 anos. Com outra paciente, Lucy, Freud associou as alucinações relatadas a acontecimentos no seu passado que estavam ligados ao seu amor pelo patrão, um amor que havia sido rejeitado.

Foi por meio de tais estudos de casos que Freud elaborou a sua teoria da personalidade, concentrando-se nos conflitos ou traumas sexuais como fatores que causavam o comportamento neurótico. Freud e outros teóricos posteriores que utilizaram o método de estudo de caso procuravam coerências na vida de seus pacientes. Com base no que consideravam semelhanças entre os relatos de seus pacientes, generalizaram para todo mundo o que descobriram.

Para investigar a personalidade, os psicólogos utilizam uma série de métodos clínicos, além dos estudos de caso. Entre esses métodos estão testes, entrevistas e análise dos sonhos – todos eles podem ser utilizados para avaliação. Embora o método clínico tente ser científico, ele não oferece a precisão e o controle do método experimental e do correlacional. Os dados obtidos pelo método clínico são mais subjetivos, associados a eventos mentais (em grande parte, inconscientes) e também a experiências da infância. Esses dados estão abertos às mais diferentes interpretações, que podem refletir mais as predisposições pessoais dos terapeutas, do que os dados que se pode obter por outros métodos. Além disso, as lembranças da infância podem ser distorcidas pelo tempo e não se pode verificar a sua precisão com facilidade. No entanto, o método clínico pode fornecer uma janela através da qual podemos ver as profundezas da personalidade, e veremos vários exemplos do seu uso, sobretudo pelos teóricos psicanalistas e neopsicanalistas.

O método experimental

Como observamos, a característica definidora do caráter fundamental da pesquisa em qualquer disciplina científica é a observação objetiva. O método clínico não preenche esse requisito muito bem. Dois outros requisitos da pesquisa científica são ainda mais difíceis de preencher utilizando-se o método clínico, mas são preenchidos pelo método experimental. Um desses requisitos é o de que observações sejam bem controladas e sistemáticas. Esse controle não é possível quando se lida com os acontecimentos passados da vida de uma pessoa ou um fenômeno inconsciente. O outro requisito envolve duplicação e verificação. Com um controle cuidadoso das condições experimentais, um pesquisador que esteja trabalhando em outro momento e em outro local pode duplicar precisamente as condições sob as quais a pesquisa anterior foi feita. Mas, os acontecimentos da vida de uma pessoa não podem ser repetidos ou duplicados com tanta exatidão.

Um experimento é uma técnica para determinar o efeito de uma ou mais variáveis ou eventos sobre o comportamento. Nós somos constantemente expostos a estímulos no nosso mundo cotidiano, como luzes, sons, paisagens, odores, instruções, solicitações e conversas triviais. Se um psicólogo quiser determinar o efeito de apenas uma variável, ele pode providenciar uma situação experimental na qual só se permite que essa variável opere. Todas as demais têm de ser eliminadas ou mantidas constantes durante o experimento. Então, se o comportamento dos sujeitos mudar enquanto só a variável do estímulo estiver em operação, podemos estar certos de que somente ela é responsável por qualquer mudança no comportamento. A mudança não poderia ter sido provocada por qualquer outra variável porque não se permitiu que nenhuma delas influenciasse as pessoas durante o experimento.

Os cientistas diferenciam dois tipos de variáveis em um experimento. Um deles é a **variável** ou **estímulo independente**, que o experimentador manipula, e o outro é a **variável dependente**, que é o comportamento ou a resposta das pessoas frente à manipulação. Para que nenhuma outra variável além da independente possa afetar os resultados, os pesquisadores têm de estudar dois grupos de pessoas: o experimental e o de controle, ambos escolhidos aleatoriamente na mesma população.

Variável independente

Em um experimento, é a variável ou condição do estímulo que o experimentador manipula para conhecer o seu efeito sobre a variável dependente.

Variável dependente

Em um experimento, é a variável ou condição do estímulo que o experimentador deseja medir, geralmente o comportamento ou a resposta das pessoas à manipulação da variável independente.

O **grupo experimental** inclui as pessoas às quais é dado o tratamento experimental. Este é o grupo exposto à variável independente, ou ao estímulo. O **grupo de controle** não é exposto à variável independente. Mede-se o comportamento que está sendo estudado de ambos os grupos antes e depois do experimento. Dessa forma, os pesquisadores podem determinar se outras variáveis influenciaram o comportamento das pessoas estudadas. Se alguma outra variável estivesse operando, então ambos os grupos apresentariam as mesmas mudanças no comportamento. Mas se nenhuma outra estivesse em operação – se somente a variável independente influenciou as pessoas –, então somente o comportamento do grupo experimental mudaria e o do grupo de controle continuaria o mesmo.

Grupo experimental

Em um experimento, o grupo que é exposto ao tratamento experimental.

Grupo de controle

Em um experimento, é o grupo que não recebe o tratamento experimental.

Aplicando o método experimental. Vamos acompanhar o método experimental em ação utilizando a teoria da aprendizagem social da personalidade do psicólogo Albert Bandura. Bandura queria determinar se as crianças imitariam um comportamento agressivo que observassem nos adultos. Qual seria a melhor maneira de estudar esse problema? Bandura poderia ter observado crianças nas ruas da vizinhança ou em um parque de diversões na esperança de captar as suas reações se elas por acaso presenciassem um ato violento. Ele então poderia esperar para ver se elas imitariam o comportamento agressivo que haviam visto.

Este enfoque é não sistemático, não controlado e não permite duplicação e verificação. É improvável que condições idênticas se repitam. Além disso, observar crianças que por acaso estavam presentes na esquina de uma rua não forneceria necessariamente uma amostra apropriada de estudados. Algumas delas poderiam já ter a tendência de se comportar agressivamente, independente do comportamento adulto que observaram. Consequentemente, seria impossível decidir se o seu comportamento era resultado do fato de terem testemunhado um ato violento ou de outro fator que era parte de sua personalidade há muito tempo.

Além disso, observar crianças aleatoriamente não permitiria ao pesquisador controlar o tipo de ato agressivo ao qual os sujeitos poderiam ser expostos. As crianças veem vários tipos de violência – atores de televisão em uma luta armada, adolescentes em uma briga de socos, tiroteios, rixas entre pai e mãe e heróis em jogos de computador. Cada uma das formas de agressão teria de ser estudada individualmente antes de os seus efeitos no comportamento poderem ser determinados de forma confiável. Para que Bandura pudesse estudar o fenômeno, seria então necessário que todas as crianças que ele observasse fossem expostas ao mesmo exemplo de comportamento agressivo. Ele então abordou o problema sistematicamente criando um experimento no qual crianças, cujos níveis de agressão antes do experimento haviam sido medidos, foram expostas ao mesmo tipo de exibição de agressão adulta. As crianças do grupo de controle testemunharam adultos não agressivos no mesmo cenário. Ambos os grupos de crianças foram estudados por observadores treinados para ver como elas se comportariam.

As crianças que observaram adultos agressivos comportaram-se agressivamente. As crianças do grupo de controle não apresentaram mudança na agressividade, o que levou Bandura a concluir que esta pode ser aprendida observando o comportamento agressivo de outros.

Limitações do método experimental. Este método, quer seja aplicado on-line, quer em laboratório, tem potencial para ser o mais preciso de pesquisa psicológica, mas tem várias limitações. Há situações em que não pode ser usado. Alguns aspectos do comportamento e da personalidade não podem ser estudados sob condições de laboratório rigorosamente controladas devido a questões de segurança e ética. Por exemplo, os psicólogos poderiam tratar melhor os problemas emocionais se tivessem dados de experimentos controlados sobre diferentes técnicas de educação de crianças para determinar que tipo de experiências da infância poderiam levar a problemas na fase adulta. Obviamente, não podemos tirar grupos de filhos dos pais depois de nascerem e expô-los a várias manipulações de educação de crianças, para ver o que acontece.

Outra dificuldade com o método experimental é que o comportamento dos indivíduos pode mudar não devido ao tratamento experimental (a manipulação da variável independente), mas pelo fato de eles estarem cientes de que estão sendo observados. Eles poderiam se comportar de maneira diferente se achassem que ninguém estava observando suas respostas. Ao saberem que estão participando de um experimento, tentam às vezes adivinhar a finalidade e se comportam de acordo com isso para agradar ou frustrar o experimentador. Esse tipo de resposta faz que o propósito do experimento malogre, porque o comportamento resultante (a variável dependente) foi influenciado pelas atitudes dos participantes, e não pelo tratamento experimental, o que é bem diferente daquilo que o pesquisador pretende estudar.

A pesquisa experimental tem as suas limitações, mas, quando bem controlada e sistemática, fornece dados excelentes. Neste livro, veremos exemplos de como o método experimental se aplica à compreensão de aspectos da personalidade.

O método virtual de pesquisa

Os psicólogos conduzem rotineiramente pesquisas on-line, incluindo a aplicação de testes psicológicos, fazendo levantamentos de opinião, apresentando estímulos experimentais e registrando as respostas dos sujeitos. Uma revisão dos artigos publicados em periódicos da American Psychological Association durante um período de dois anos revelou que

> *A maioria dos estudos de nossa amostra era de traduções diretas de medições psicológicas tradicionais e métodos para uso na web. Esses estudos eram planejados para colocar o mesmo tipo de questões e empregar métodos usados comumente na psicologia de laboratório. (Skitka; Sargis, 2006, p. 535)*

Os registros virtuais oferecem algumas vantagens sobre a pesquisa experimental tradicional. Estudos realizados na web produzem respostas mais rápidas, são menos dispendiosos, têm potencial para atingir uma gama mais ampla de sujeitos de diferentes idades, níveis de instrução, tipos de emprego, níveis de renda, classe social e origem étnica. Portanto, em teoria, podem ser examinadas populações maiores do que aquelas tipicamente encontradas em um campus universitário.

Entretanto, esse método de pesquisa tem também desvantagens. Pesquisas mostraram que os usuários da web tendem a ser jovens, com renda mais alta e com nível de instrução melhor do que os não usuários, limitando, assim, as possibilidades de que a amostra on-line seja realmente representativa da população como um todo (embora seja, mesmo assim, mais representativa do que um grupo típico de sujeitos formado por estudantes universitários). Aqueles que tendem a não ser representados em pesquisas on-line incluem adultos mais velhos, pessoas com baixa renda, pessoas com deficiência visual e pessoas que não falam ou leem o idioma da pesquisa (Suarez-Balcazar; Balcazar; Taylor-Ritzler, 2009).

Além disso, aqueles que respondem podem diferir dos que não respondem em importantes características de personalidade. Uma pesquisa realizada na Alemanha revelou que as pessoas que não respondiam a um levantamento on-line eram julgadas – com base em seus sites pessoais – como mais introvertidas, mais desagradáveis e menos abertas a novas experiências do que as que respondiam à pesquisa. (Marcus; Schultz, 2005).

Resultados contraditórios surgiram a partir de um estudo feito com estudantes universitários norte-americanos que tiveram a opção de participar de uma pesquisa psicológica on-line ou pessoalmente. Os mais extrovertidos escolheram participar pessoalmente e os mais introvertidos optaram pelo método on-line (Witt; Donnellan; Orlando, 2011). Outra pesquisa não encontrou diferenças significativas entre os respondentes de um levantamento telefônico e outro on-line em relação à sua disposição para revelar informações pessoais confidenciais. A taxa de resposta média para os participantes on-line foi 10% mais baixa do que para os levantamentos por telefone ou correio. Além disso, descobriu-se que mais de 10% dos participantes da pesquisa on-line realizavam excessivos cliques e movimentos com o mouse enquanto respondiam (Fan; Yan, 2010; Hines; Douglas; Mahmood, 2010; Stieger; Reips, 2010).

É difícil, além disso, determinar quão honestos e precisos os sujeitos on-line serão ao fornecer informações pessoais sobre fatores como idade, gênero, origem étnica, educação ou renda. Contudo, um número significativo de estudos, que comparava os métodos de pesquisa on-line com os métodos de pesquisa de laboratório tradicionais, mostrou que os resultados são, em geral, consistentes e similares.

O método correlacional

No **método correlacional** os pesquisadores investigam as relações que existem entre as variáveis. Em vez de manipular uma delas, os experimentadores lidam com os atributos nelas existentes. Por exemplo, em vez de criar estresse experimental nos participantes no laboratório psicológico e observar os efeitos, os pesquisadores podem estudar pessoas que já enfrentam situações estressantes, como policiais, pilotos de corrida ou estudantes universitários que estejam sofrendo ansiedade em relação aos exames.

Método correlacional

Técnica estatística que mede o grau de relacionamento entre duas variáveis expresso pelo coeficiente de correlação.

Outra forma pela qual o método correlacional difere do experimental é que no primeiro enfoque não se designam pessoas para grupos experimentais e de controle. Em vez disso, o desempenho dos participantes que diferem em uma variável independente, como idade, sexo, ordem de nascimento, grau de agressividade ou de neuroticismo, é comparado com o seu desempenho em alguma variável dependente, como respostas no teste de personalidade ou medidas de desempenho no trabalho.

Aplicando o método correlacional. Os pesquisadores que aplicam o método correlacional estão interessados na relação entre as variáveis – em como o comportamento em uma variável muda ou difere em função de outra. Por exemplo, a ordem do nascimento tem relação com a agressividade? As pessoas que obtêm alta pontuação no teste de QI tornam-se melhores cientistas de computação do que aquelas que atingem baixa pontuação? As pessoas que obtêm alta pontuação em otimismo processam determinados estímulos de modo diferente das pessoas que obtêm pontuação alta em pessimismo? As respostas para tais perguntas são úteis não só na pesquisa, mas também em situações aplicadas, nas quais é preciso fazer previsões sobre as chances de êxito de uma pessoa. Os exames vestibulares que você prestou são baseados em estudos correlacionais que mostram a relação entre as variáveis de pontuações padronizadas de testes e êxito na sala de aula.

Uma grande quantidade de pesquisa correlacional foi feita sobre várias facetas da personalidade humana. Considere a necessidade de realização, um conceito formulado por Henry Murray e subsequentemente estudado por David McClelland. Grande parte da pesquisa sobre esse tópico comparou o grau medido de necessidade de realização com o desempenho em uma série de outras variáveis.

Vamos dizer, por exemplo, que os pesquisadores querem determinar se as pessoas com grande necessidade de realização obtinham notas mais altas na faculdade do que aquelas com pouca necessidade. Os pesquisadores poderiam ter optado por utilizar o método experimental e elaborado um experimento no qual crianças seriam separadas de seus pais e criadas por adultos especialmente treinados em técnicas conhecidas para aumentar a motivação para realização. Anos mais tarde, quando essas crianças começassem a frequentar a faculdade, as notas daquelas com alto grau de necessidade de realização seriam comparadas com as daquelas com baixa necessidade de realização. Como você pode ver, um experimento desse tipo é absurdo demais para ser cogitado.

Utilizando o método correlacional, os psicólogos mediram os níveis de necessidade de realização de um grupo de estudantes universitários e os compararam com as suas notas. A variável independente (os vários níveis de necessidade de realização, do alto ao baixo) não foi manipulada ou modificada nesse caso. Os pesquisadores trabalharam com os dados existentes e descobriram que os estudantes com grande necessidade de realização haviam de fato obtido notas mais altas do que os com pouca necessidade (Atkinson; Lens; O'Malley, 1976).

Nós veremos vários exemplos do método correlacional na pesquisa da personalidade ao longo do livro, principalmente nas discussões da elaboração e aplicação de técnicas de avaliação. A confiabilidade e a validade dos meios de avaliação geralmente são determinadas pelo método correlacional. Além disso, várias facetas da personalidade foram estudadas correlacionando-as com outras variáveis.

O coeficiente de correlação. A medida estatística básica de correlação é o coeficiente de correlação, que fornece informações precisas sobre a direção e força da relação entre as duas variáveis. A direção da relação pode ser positiva ou negativa. Se pontuações elevadas em uma variável acompanham pontuações em outra variável, esta correlação é positiva. Se pontuações elevadas em uma variável acompanham pontuações baixas na outra, a direção é negativa (veja Figura 1.3).

Os coeficientes de correlação variam de +1,00 (uma correlação positiva perfeita) a –1,00 (uma correlação negativa perfeita). Quanto mais próximo o coeficiente de correlação estiver de +1,00 ou –1,00, mais sólida a relação e mais confiantemente podemos fazer previsões sobre uma variável a partir da outra.

Causa e efeito. A principal limitação do método correlacional refere-se à causa e ao efeito. Só porque duas variáveis apresentam uma alta correlação não se pode concluir necessariamente que uma provocou a outra. Na verdade, é possível que exista essa relação, mas os pesquisadores não podem automaticamente concluir que ela existe, como podem fazer em um experimento controlado e sistemático.

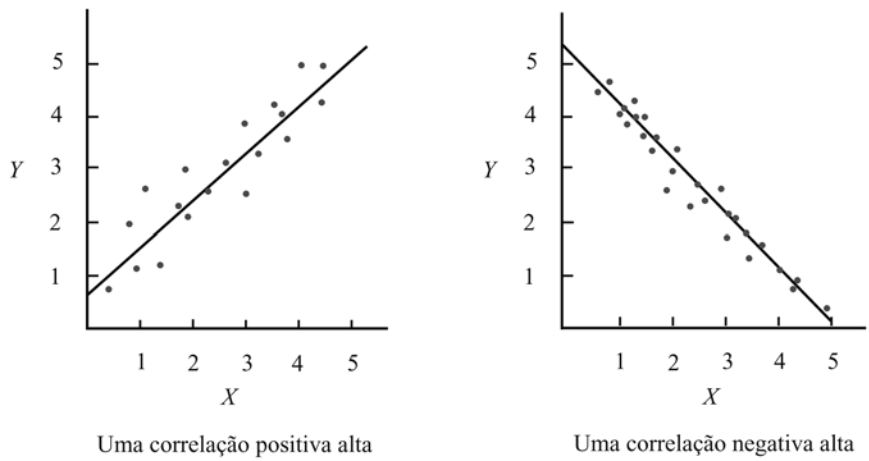

FIGURA 1.3 Gráficos de correlações positiva alta e negativa alta.

Suponha que um psicólogo aplicasse o método correlacional e descobrisse uma forte relação negativa entre as duas variáveis de personalidade de timidez e autoestima: quanto maior o grau de timidez, menor o de autoestima. Opostamente, quanto menor o de timidez, maior o de autoestima. A relação é clara: as pessoas tímidas tendem a obter baixa pontuação de autoestima. No entanto, não podemos concluir com certeza que ser tímido faz que as pessoas tenham baixa autoestima. Poderia ser o contrário – que a baixa autoestima faz que as pessoas sejam tímidas. Ou alguma outra variável, como aparência física ou rejeição dos pais, poderia causar tanto a timidez como a baixa autoestima.

Esta restrição de se tirar conclusões a partir de pesquisas correlacionais representa uma dificuldade para os pesquisadores, cujo objetivo é identificar causas específicas. Todavia, para os clínicos, que têm o propósito de prever o comportamento no mundo real, o método correlacional é mais satisfatório. Para podermos prever o êxito na faculdade com base na necessidade de realização, por exemplo, só precisamos estipular que as duas variáveis têm uma correlação elevada. Se um candidato à faculdade obtiver uma alta pontuação em um teste de necessidade de realização, podemos prever que ele obterá boas notas na faculdade. Neste caso, não estamos preocupados em determinar se o grau de necessidade de realização implica um bom desempenho acadêmico, mas somente se as duas variáveis estão relacionadas e se uma pode ser prevista a partir da outra.

A teoria no estudo da personalidade

As teorias são às vezes classificadas com termos depreciativos. "Afinal de contas", as pessoas costumam dizer, "é apenas uma teoria!" É comum afirmar que as teorias são vagas, abstratas e especulativas – na verdade, nada mais do que um palpite e o oposto de um fato. É verdade que uma teoria sem evidências de pesquisas para corroborá-la é especulação. Contudo, uma grande quantidade de dados de pesquisa pode não significar nada, a não ser que esteja organizada em algum tipo de estrutura ou contexto explicativos. Uma teoria fornece a estrutura para simplificar e descrever dados empíricos de maneira significativa. As teorias podem ser consideradas uma espécie de mapa que representa os dados na sua inter-relação. Elas tentam colocar ordem nos dados para encaixá-los em um padrão.

As teorias são conjuntos de princípios utilizados para explicar uma categoria de fenômenos (no nosso caso, os comportamentos e as experiências referentes à personalidade). Se quisermos que as teorias de personalidade sejam úteis, elas precisam ser verificáveis, capazes de estimular pesquisas sobre as suas várias propostas. Os pesquisadores têm de fazer experimentos para determinar se alguns aspectos da teoria devem ser aceitos ou rejeitados. As teorias da personalidade devem ser capazes de esclarecer e explicar os dados sobre ela, organizando-os em uma estrutura coerente. Elas devem também nos ajudar a entender e prever comportamentos. As que puderem ser testadas e conseguirem explicar, compreender e prever comportamentos poderão, então, ser aplicadas para ajudar as pessoas a mudarem seus comportamentos, sentimentos e emoções de prejudiciais para úteis, de indesejáveis para desejáveis.

Teorias formais e pessoais

Os cientistas não são as únicas pessoas que usam teorias, e nem todas as teorias são propostas formais que contêm vários postulados e inferências. Todos nós usamos teorias pessoais implícitas em nossas interações cotidianas com outras pessoas. Temos alguma ideia do conceito de personalidade e fazemos suposições a respeito das personalidades daqueles com os quais interagimos. Muitos de nós especulamos sobre a natureza humana em geral. Por exemplo, nós podemos acreditar que todas as pessoas são boas ou que elas só se importam consigo mesmas.

Essas suposições são teorias. Elas são estruturas nas quais colocamos os dados das nossas observações dos outros. Geralmente as baseamos nos dados que coletamos das nossas percepções de comportamento daqueles que nos cercam. Neste sentido – de que nossas teorias derivam das nossas observações –, as teorias pessoais são semelhantes às formais. Entretanto, as teorias formais

em psicologia, bem como em outras ciências, têm certas características que as diferenciam das nossas teorias pessoais. As teorias formais fundamentam-se nos dados de observações de uma grande quantidade de pessoas de várias naturezas, enquanto as pessoais derivam das nossas observações de uma quantidade limitada de pessoas – em geral, o nosso pequeno círculo de parentes, amigos e conhecidos, além de nós mesmos. Como uma quantidade maior de dados corrobora as teorias formais, estas são mais abrangentes. Nós podemos generalizar de forma mais eficaz a partir das teorias formais para explicar e prever o comportamento de mais tipos de pessoas.

Uma segunda característica é que as teorias formais têm mais probabilidade de ser objetivas, porque as observações de cientistas não são, idealmente, influenciadas pelas suas necessidades, temores, desejos e valores. Opostamente, as nossas teorias são baseadas mais na observação de nós mesmos do que na dos outros. Nós tendemos a interpretar as atitudes de outras pessoas em termos das nossas ideias e sentimentos, avaliando as reações a uma situação com base no que faríamos ou como nos sentiríamos. Nós vemos os outros em termos pessoais e subjetivos, enquanto os cientistas os observam de forma mais objetiva e imparcial.

Outra característica é que as teorias formais são testadas repetidamente em comparação com a realidade, em geral por um outro cientista, não por aquele que propôs a teoria. Uma teoria formal pode ser submetida a vários testes experimentais objetivos e, consequentemente, ser confirmada, modificada ou rejeitada à luz dos resultados. As teorias pessoais não são tão testadas por nós ou por uma parte neutra. Quando desenvolvemos uma teoria sobre as pessoas em geral ou sobre determinada pessoa, tendemos a nos agarrar a ela, percebendo somente aqueles comportamentos que a confirmam e deixando de observar os que a contradizem.

Em princípio, os cientistas podem reconhecer e avaliar dados que não corroboram suas teorias. Infelizmente, isso nem sempre é verdade. Na história da ciência e da psicologia existem vários exemplos de cientistas que estavam tão influenciados por suas teorias, tão emocionalmente comprometidos com elas, que sua objetividade ficou comprometida. No entanto, o ideal de objetividade permanece como a meta pela qual os cientistas lutam.

A pessoa nas teorias da personalidade

Observamos que a intenção das teorias formais é alcançar uma objetividade maior e que as teorias pessoais tendem a ser mais subjetivas. Podemos pressupor que as teorias da personalidade, pelo fato de pertencerem a uma disciplina que se proclama ciência, são exclusivamente do tipo formal e objetivo; mas nem sempre é esse o caso. Os psicólogos reconhecem que algumas teorias da personalidade têm um componente subjetivo e podem refletir eventos da vida de um teórico como uma forma de autobiografia disfarçada. O teórico pode utilizar a sua experiência de vida como uma fonte de dados para descrever e corroborar sua teoria. Por mais que os cientistas tentem ser imparciais e objetivos, o seu ponto de vista pessoal provavelmente influenciará de alguma forma a sua percepção. Isso não deveria nos surpreender. Os teóricos da personalidade também são seres humanos e, como a maioria de nós, podem às vezes ter dificuldade em aceitar ideias que divirjam da sua própria experiência.

A distinção entre as teorias formais e pessoais pode não ser tão pronunciada na área da personalidade como em outras áreas da psicologia, o que não significa que todas as teorias da personalidade sejam pessoais; elas têm características das teorias formais. Algumas se baseiam na observação de uma grande quantidade e variedade de pessoas e outras são testadas em relação à realidade pelo teórico que as propôs ou por outros. Esses cientistas tentam ser objetivos ao fazer as suas observações e analisar os seus dados, que podem ou não comprovar a sua teoria. Enfim, as teorias são tão objetivas quanto o seu assunto permite – a complexa personalidade humana –, mas as propostas podem se dever muito à personalidade e às experiências de vida dos seus autores.

A primeira etapa da construção de uma teoria pode estar baseada principalmente na intuição, mas nas etapas posteriores essas ideias intuitivas podem ser modificadas e refinadas pelos conhecimentos racional e empírico do teórico. Portanto, por meio da aplicação da razão e análise de dados,

o que começou como uma teoria pessoal assume as características de uma teoria formal. Qualquer que seja o nível de objetividade encontrado nas teorias da personalidade (e veremos que algumas são mais objetivas do que outras), não se pode negar que elas também são parcialmente subjetivas, refletindo as experiências e necessidades do teórico.

Se quisermos entender plenamente uma teoria, teremos de nos informar o máximo possível sobre a pessoa que a propôs. É importante levar em consideração como o seu desenvolvimento pode ter sido influenciado por acontecimentos específicos na vida de um teórico. Nos casos em que há informações biográficas suficientes disponíveis, podemos supor como a teoria reflete esses eventos. Pelo menos inicialmente, o teórico podia estar descrevendo a si mesmo e mais tarde buscado dados apropriados em outras fontes para assegurar a generalização da visão pessoal para terceiros.

A importância dos acontecimentos pessoais na vida de um teórico foi reconhecida há muito tempo, como já observamos. Para William James, considerado por muitos estudiosos o maior psicólogo norte-americano, a biografia era um assunto fundamental para qualquer pessoa que estivesse tentando estudar a natureza humana. Ele argumentou que era até mais importante entender a vida de pessoas célebres do que conhecer suas teorias ou sistemas se quiséssemos aprender as formas diferentes com que elas abordam a experiência humana. Um historiador observou:

> *Mais do que em qualquer outra disciplina profissional, os psicólogos tentam publicar resumos biográficos e autobiográficos daqueles que exercem a sua profissão (...). Em algum nível, pelo menos, eles parecem reconhecer que sua vida e valores são a chave para o seu "conhecimento científico". (Friedman, 1996, p. 221)*

Ao longo deste livro, há muitos exemplos da natureza autobiográfica das teorias da personalidade, mas também precisamos introduzir uma nota de advertência nesta relação intrigante entre a teoria e a vida real. Talvez não sejam as experiências de vida que influenciam o desenvolvimento da teoria, mas sim a teoria que influencia o que os teóricos recordam e decidem nos contar sobre a sua vida. Muitas das nossas informações sobre a vida de um teórico vêm das lembranças autobiográficas; são relatos geralmente escritos após a pessoa ter proposto e defendido a teoria. O tempo gasto na elaboração da teoria e seu comprometimento com ela podem distorcer as lembranças do teórico dos seus primeiros anos de vida. A pessoa lembra-se somente dos acontecimentos que corroboram a teoria? Os eventos contraditórios ou problemáticos são convenientemente esquecidos? As experiências são inventadas para aumentar a credibilidade de uma teoria? Embora não possamos sempre responder a essas perguntas, devemos tê-las em mente enquanto exploramos o conceito de que a teoria da personalidade pode ser parcialmente autobiográfica.

Questões sobre a natureza humana

Um aspecto importante de toda teoria da personalidade é a imagem da natureza humana formulada pelo teórico. Cada teórico tem uma concepção da natureza humana que orienta as questões fundamentais do que significa ser humano. Durante séculos, poetas, filósofos e artistas formularam e reformularam essas questões, e vemos suas tentativas de resposta em nossos grandes livros e quadros. Os teóricos da personalidade também abordaram essas questões problemáticas e não chegaram a um consenso maior do que o dos artistas e escritores.

As várias concepções da natureza humana oferecidas pelos teóricos nos permitem fazer comparações significativas de suas visões. Essas ideias não são diferentes das teorias pessoais. São estruturas dentro das quais os teóricos percebem a si próprios e a outras pessoas e então constroem suas teorias. A seguir, descrevemos perguntas que definem a imagem da natureza humana. À medida que formos discutindo cada uma das teorias, analisaremos como cada teórico lida com essas perguntas fundamentais.

Estamos no comando de nossas vidas? Livre-arbítrio *versus* determinismo

Uma questão básica sobre a natureza humana diz respeito à antiga polêmica entre livre-arbítrio e determinismo. Os teóricos de ambos os lados do debate perguntam: nós dirigimos conscientemente o rumo dos nossos atos? Podemos escolher espontaneamente o rumo das nossas ideias e comportamentos selecionando de modo racional as alternativas? Temos consciência e medida do autocontrole? Somos senhores do nosso destino ou vítimas da nossa experiência passada, fatores biológicos, forças inconscientes ou estímulos externos – forças sobre as quais não temos controle consciente? Os eventos externos moldaram de tal forma a nossa personalidade que somos incapazes de mudar o nosso comportamento? Alguns teóricos da personalidade assumem posições extremas quanto a essa questão; já outros expressam opiniões mais moderadas, argumentando que alguns comportamentos são determinados por eventos passados e outros podem ser espontâneos e estar sob nosso controle.

O que nos domina? Nossa natureza herdada ou o ambiente de criação?

Uma segunda questão tem a ver com a controvérsia da natureza/criação. Qual é a influência mais importante sobre o comportamento: traços e atributos herdados (a nossa herança genética) ou características do nosso meio ambiente (as influências da nossa criação, educação e treinamento)? As habilidades, temperamento e predisposições que herdamos determinam a nossa personalidade ou somos mais fortemente moldados pelas condições sob as quais vivemos? A personalidade não é o único tópico afetado por essa questão. Há polêmica também quanto à questão da inteligência; ela é mais afetada pela herança genética (natureza) ou pelo estímulo oferecido pelo lar e pela escola (criação)?

Assim como na questão do livre-arbítrio/determinismo, as alternativas não se limitam a posições extremas. Para muitos teóricos, a personalidade é moldada por ambas as forças. Para alguns, a herança é a influência predominante e o meio ambiente tem menor importância. Outros são de opinião contrária.

Somos dependentes ou independentes de nosso passado?

Uma terceira questão envolve a importância relativa de eventos passados, como as nossas vivências na infância comparadas com eventos que ocorrem posteriormente na vida. Quais são as que têm mais poder de moldar a personalidade? Se supusermos, como fazem alguns teóricos, que o que nos acontece na infância é fundamental para a formação da personalidade, consequentemente temos de achar que o nosso desenvolvimento posterior nada mais é do que uma elaboração de temas básicos fixados nos primeiros anos de vida. Essa visão é conhecida como **determinismo histórico**. A nossa personalidade (de acordo com essa linha de raciocínio) é, em sua maior parte, estabelecida por volta dos 5 anos, estando sujeita a poucas mudanças ao longo do restante da vida. A personalidade adulta é determinada pela natureza dessas primeiras experiências.

Determinismo histórico

Visão segundo a qual a personalidade é fixada nos primeiros anos de vida e sujeita a poucas mudanças posteriormente.

A posição oposta considera a personalidade algo mais independente do passado, capaz de ser influenciada por eventos e experiências do presente, bem como pelas nossas aspirações e metas para o futuro. Foi proposta também uma posição intermediária. Nós podemos pressupor que as vivências da infância moldem a personalidade, mas não rígida ou permanentemente. As experiências posteriores podem reforçar ou modificar os padrões de personalidade da infância.

A natureza humana é singular ou universal?

A natureza humana é peculiar ou universal? Essa é outra questão que divide os teóricos da personalidade humana. Nós podemos pensar na personalidade como algo tão individual que as atitudes

e as palavras proferidas pelas pessoas não têm equivalentes em nenhum outro indivíduo. Isso evidentemente torna sem sentido a comparação de uma pessoa com outra. Posições diferentes aceitam a peculiaridade, mas a interpretam dentro de padrões gerais de comportamento aceitos como universais, pelo menos dentro de determinada cultura.

Nossos objetivos de vida: satisfação ou crescimento?

Uma quinta questão envolve o que poderíamos chamar de nossas metas de vida básicas e necessárias. Os teóricos divergem quanto ao que é a nossa motivação principal na vida. Nós funcionamos como máquinas, com algum tipo de mecanismo autorregulador que fica satisfeito enquanto for mantido um equilíbrio interno? Nós agimos somente para satisfazer necessidades físicas, obter prazer e evitar a dor? A nossa felicidade é totalmente dependente de reduzirmos o estresse ao mínimo? Para alguns teóricos, as pessoas são um pouco mais do que animais que buscam reduzir a tensão e obter prazer. Outros acham que somos motivados pela necessidade de crescer, realizar todo o nosso potencial e atingir níveis cada vez mais altos de realização pessoal e desenvolvimento.

Nossa visão de mundo: otimismo ou pessimismo?

Uma questão adicional reflete a visão de vida do teórico. Nós podemos chamá-la de otimismo *versus* pessimismo. Os seres humanos são bons ou maus, bondosos ou cruéis, piedosos ou impiedosos? Aqui estamos lidando com uma questão de moralidade, um julgamento de valores, que supostamente não seria apropriado no mundo objetivo e imparcial da ciência. No entanto, vários teóricos abordaram a questão e, como veremos, isso produziu um corpo vital de pesquisas. Alguns têm uma visão positiva e esperançosa da personalidade humana, mostrando-nos como humanitários, altruístas e socialmente conscientes. Outros encontram poucas dessas qualidades nos seres humanos, quer individual quer coletivamente.

Outras influências: efeitos do contexto étnico e cultural

Observamos que as diferenças culturais afetam o desenvolvimento da personalidade. Portanto, não deve ser surpreendente descobrir que fatores culturais influenciam a nossa imagem da natureza humana e as perguntas que fazemos sobre ela. Veja o conceito de *carma*, que há séculos vem moldando a visão dos povos da Índia e de outras nações que aceitam o hinduísmo ou o budismo. Pode parecer uma visão fatalista e determinista da natureza humana. Acredita-se que as consequências dos nossos atos presentes e passados determinam o nosso destino. Em outras palavras, as coisas não acontecem porque fazemos que aconteçam, mas sim porque estavam destinadas a acontecer.

Portanto, de acordo com essa concepção, a nossa boa ou má sorte, saúde ou doença, são predeterminadas e independentes de nossos atos. Essa visão pode levar a um tipo passivo e resignado de personalidade, que aceita o que quer que surja no caminho sem motivação para tomar uma atitude para mudar. Veja o contraste disso com uma visão mais típica da cultura norte-americana, que enfatiza a livre escolha e a ação e o papel do esforço e da iniciativa pessoais no sucesso ou no fracasso.

Uma pesquisa revela grandes diferenças culturais entre Oriente e Ocidente nessa noção de destino (Norenzayan; Lee, 2010). No entanto, também existem evidências de que, à medida que culturas orientais, como a China, modernizam-se e, portanto, tornam-se mais ocidentalizadas, essa crença cultural é reduzida (Wong; Shaw; Ng, 2010).

Também podem existir diferenças culturais no grau de uso de tecnologia da informação. Um estudo comparando crianças chinesas e americanas (com uma média de 12 anos) com acesso a computadores demonstrou que crianças americanas usam mais os computadores e passam mais tempo na internet do que as crianças chinesas (Jackson *et al*., 2008). Descobriu-se que estudantes universitários norte-americanos tinham maior probabilidade de postar informações pessoais sobre abuso de drogas e comportamento sexual em sites de redes sociais do que os universitários alemães (Karl; Peluchette; Schlaegel, 2010).

Diferenças culturais em grande escala na atividade cerebral e nas características genéticas foram demonstradas no campo relativamente novo da neurociência cultural (Azar, 2010). Usando medidas das atividades de ondas cerebrais, pesquisadores descobriram diferenças no funcionamento do cérebro entre pessoas de culturas orientais e ocidentais ao responder aos mesmos estímulos (Park; Huang, 2010). Um estudo demonstrou que as atividades de ondas cerebrais de japoneses e americanos eram diferentes ao reagir ao mesmo estímulo visual; a diferença é comparada ao nível de submissão ou dominância medido em cada cultura (Freeman; Rule; Ambady, 2009).

Pense no impacto da ênfase no individualismo nos Estados Unidos e no coletivismo nos países asiáticos, como a China e o Japão, como observamos em algumas pesquisas descritas anteriormente neste capítulo. Em uma sociedade individualista, a visão de vida reside na liberdade, na escolha e em atitudes pessoais; já em uma sociedade coletivista, está nas normas e nos valores grupais, nas expectativas de papel do grupo e em outras restrições culturais quanto ao comportamento. As pessoas das culturas individualistas mostraram maior extroversão, autoestima, felicidade (ou bem-estar subjetivo), otimismo quanto ao futuro e na sua habilidade de controlá-lo e dirigi-lo. Diferenças genéticas entre pessoas em culturas coletivistas em relação às individualistas foram ligadas a níveis menores de ansiedade e depressão em culturas coletivistas e maiores em culturas individualistas (Chiao; Blizinsky, 2010).

Estudantes universitários dos Estados Unidos obtiveram pontuação significativamente mais alta do que os do Japão em medidas de autoeficiência, ou seja, o sentimento de ser adequado, eficiente e competente para enfrentar a vida e exercer controle sobre os eventos da vida (Morling; Kitayama; Miyamoto, 2002). Notou-se que universitários da Austrália eram significativamente mais agradáveis, conscientes, otimistas e satisfeitos com suas vidas do que estudantes de Cingapura (Wong *et al*., 2009). Outra pesquisa encontrou diferenças no bem-estar subjetivo entre estudantes ásio-americanos e euro-americanos da mesma universidade nos Estados Unidos. Os estudantes euro-americanos obtinham seu sentimento de bem-estar perseguindo metas de satisfação pessoal. Os estudantes ásio-americanos pareciam "obter e manter seu bem-estar atingindo metas que perseguiam para tornar outras pessoas importantes (como os pais) felizes e [para] atender às expectativas de outros" (Oishi; Diener, 2001, p. 1.680). Assim, as motivações e satisfações desses estudantes e sua imagem correspondente da natureza humana diferiam conforme sua bagagem cultural. Além disso, uma comparação entre estudantes universitários japoneses e americanos revelou que os americanos tinham probabilidade muito maior de usar termos positivos para descreverem a si mesmos. Os estudantes japoneses tinham maior probabilidade de usar termos negativos (Kanagawa; Cross; Markus, 2001).

Considere o impacto sobre o comportamento e a personalidade de diferenças culturais nas práticas de educação das crianças. Na cultura individualista dos Estados Unidos, os pais tendem a não serem coercitivos, a serem democráticos e permissivos ao educar os filhos. Nas culturas coletivistas, principalmente das sociedades árabes, as práticas dos pais tendem a ser mais autoritárias, restritivas e controladoras. Estudos de adolescentes em diversos países árabes mostraram que eles se sentem mais ligados aos pais do que os adolescentes americanos. Os pesquisadores observaram que os adolescentes árabes

> *Seguem as orientações dos pais em todos os setores da vida, como comportamento social, relações interpessoais, casamento, preferências ocupacionais e atitudes políticas... eles não sentem que sofrem com o estilo autoritário dos pais e estão até satisfeitos com esse modo de vida. (Dwairy et al., 2006, p. 264.)*

O estudo concluiu que as práticas autoritárias dos pais não afetavam, como era de se esperar, a saúde mental ou o bem-estar emocional dos adolescentes árabes, como aconteceria em culturas ocidentais mais liberais.

Foi constatado que mães chinesas que vivem no Canadá eram mais autoritárias na criação de seus filhos do que as mães não chinesas no Canadá (Liu; Guo, 2010). Mães turcas vivendo

na Alemanha e que estavam mais integradas à cultura alemã enfatizavam muito mais objetivos individualistas para suas crianças do que as mães turcas que não estavam tão integradas (Durgel *et al*., 2009). Obviamente, essas diferenças no modo de educar as crianças e os valores resultantes ajudarão a determinar a imagem que terão da natureza humana.

Vimos que o impacto das forças culturais é significativo e isto pode ser observado até em culturas que parecem semelhantes ou homogêneas. É razoável esperar diferenças entre culturas orientais, como o Japão, e culturas ocidentais, como os Estados Unidos. Mas foram encontradas também diferenças entre culturas europeias, como a Espanha e a Holanda. Uma comparação usando um inventário de autorrelato de pessoas desses países confirmou as descobertas anteriores. Os espanhóis estão mais preocupados com questões de honra e de valores ligados à família, como segurança familiar, respeito pelos pais e reconhecimento dos outros. Em contraposição, os holandeses tiveram pontuação mais alta em valores individualistas, como ambição, capacidade e independência (Rodriguez-Mosquera; Manstead; Fischer, 2000).

As culturas nórdicas, como as da Noruega, Suécia e Dinamarca, ainda fornecem um exemplo de outro tipo de influência. O conceito cultural de *Janteloven*[*] impõe às pessoas que não coloquem seus interesses acima do interesse de sua comunidade e que demonstrem humildade na presença de outros. Uma comparação entre estudantes universitários nos Estados Unidos e na Noruega revelou que os americanos classificavam a si mesmos significativamente mais acima da média em traços de personalidade positivos e mais abaixo da média em traços negativos do que os estudantes noruegueses. Essa tendência de autovalorização entre os estudantes dos Estados Unidos, que não foi encontrada no mesmo grau entre os estudantes noruegueses, parece ser induzida culturalmente, determinada por valores ensinados nos diferentes países (Silvera; Seger, 2004).

A autovalorização (a convicção de que nossa destreza e habilidades são melhores do que as de outras pessoas) é chamada às vezes de "Efeito Lago Wobegon" graças ao famoso programa de rádio de Garrison Keillor, *A Prairie Home Companion*. O Lago Wobegon é uma comunidade rural fictícia em Minnesota onde, como diz Keillor, "todas as mulheres são fortes, todos os homens bonitos e todas as crianças acima da média". É digno de nota o fato de que o Lago Wobegon é habitado por descendentes de imigrantes da Noruega, pátria do conceito de *Janteloven*.

Valores básicos como esses ajudam a determinar nossa imagem geral sobre a natureza humana, ou seja, as lentes através das quais percebemos, julgamos e interagimos com outras pessoas em nossa cultura. O significado dessa discussão é indicar para você que há muitas fontes de influência sobre o crescimento e o desenvolvimento da personalidade humana e diversos modos de explicar a sua natureza. Talvez uma ou mais dessas explicações que descrevemos neste livro sejam compatíveis com o que você pensa, ou talvez se choquem com sua visão ou imagem da natureza humana. Poucos de nós podem abordar este tópico sem preconceitos porque é, afinal de contas, o estudo de nós mesmos.

Resumo do capítulo

Wilhelm Wundt, que utilizou os métodos das ciências naturais para analisar a experiência consciente em suas partes elementares, instituiu formalmente a psicologia em 1879. No início do século XX, John B. Watson desenvolveu o enfoque comportamental da psicologia para protestar contra a ênfase que Wundt deu à experiência consciente. Watson argumentou que os psicólogos têm de estudar apenas o comportamento manifesto. A psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, utilizou a observação clínica para investigar o inconsciente. O estudo da personalidade começou na psicologia norte-americana na década de 1930. A personalidade pode ser definida como um grupo duradouro e peculiar de características que pode se alterar em situações diferentes. As diferenças de gênero, etnia e herança cultural podem influenciar o desenvolvimento da personalidade. O interesse na psicologia intercultural data da década de 1960. A internet molda e reflete a personalidade principalmente por meio de sites de redes sociais, como o Facebook.

* Refere-se a um tradição dinamarquesa, que cria uma cidade imaginária, Jonte, onde a lei básica é "ninguém é melhor do que ninguém". (N.R.T.)

As técnicas para avaliar ou medir a personalidade precisam preencher dois requisitos: confiabilidade (a consistência das respostas em um teste) e validade (até que ponto o teste mede o que pretende medir). A avaliação da personalidade resultante pode ser influenciada pelo sexo e pela identidade étnica da pessoa e também pelas atitudes e crenças de quem aplica o teste.

Os inventários de autorrelato, nos quais as pessoas relatam o próprio comportamento e sentimentos em várias situações, são objetivos, pois suas pontuações não são influenciadas por tendências pessoais ou teóricas. A maioria dos inventários de autorrelato pode ser aplicada on-line. As técnicas projetivas tentam investigar o inconsciente, fazendo as pessoas projetarem suas necessidades, temores e valores na sua interpretação de figuras ou situações ambíguas. As técnicas projetivas são subjetivas, com baixa confiabilidade e validade e geralmente com fraca padronização.

As entrevistas clínicas são utilizadas para avaliar a personalidade, mas a interpretação de seus resultados é subjetiva. No enfoque de avaliação comportamental, um observador avalia as respostas de uma pessoa em uma situação específica. Na amostragem de ideias e experiências, as pessoas registram seus sentimentos e experiências durante determinado período.

As pessoas de sociedades coletivistas, como os países asiáticos, tendem a obter pontuações mais baixas em fatores como autovalorização e mais altas em pessimismo, afetividade negativa e sofrimento psicológico do que as de sociedades mais individualistas, como os Estados Unidos. Estudos de respostas de brancos e negros ao MMPI não revelaram diferenças significativas em função da raça. Os hispânicos tendem a obter pontuações semelhantes às dos brancos no MMPI, mas não nas técnicas projetivas. As traduções de testes de personalidade devem levar em consideração a natureza de outras culturas, com especial atenção aos tipos de questão que serão colocados, à tradução das palavras e ao modo como as questões serão respondidas.

Entre os métodos de pesquisa psicológica estão os enfoques clínico, experimental, virtual e correlacional. Essas pesquisas requerem observação objetiva, condições controladas e sistemáticas e duplicação e verificabilidade. O método clínico baseia-se nos estudos de caso, nos quais os psicólogos reconstroem os antecedentes e a vida dos pacientes para encontrar pistas para os seus problemas emocionais atuais. O enfoque clínico não preenche os requisitos da pesquisa psicológica tão bem quanto os métodos experimental e correlacional.

O método experimental é o mais preciso de pesquisa psicológica. Ao utilizá-lo, os psicólogos podem determinar o efeito de uma única variável ou evento de estímulo no comportamento das pessoas. A variável que está sendo estudada (isto é, o estímulo ao qual as pessoas são expostas) é a independente. As respostas ou o comportamento das pessoas são a variável dependente. Pesquisas na internet oferecem uma metodologia alternativa mais rápida e menos dispendiosa, bem como acesso a uma gama mais ampla de sujeitos. As pesquisas on-line têm suas limitações, mas os estudos até hoje mostram que produzem resultados altamente semelhantes aos das pesquisas de laboratório.

No método correlacional, os psicólogos estudam a relação entre duas variáveis para determinar como o comportamento em uma variável muda em função de outra. O coeficiente de correlação, a medida estatística básica de correlação, indica a direção e a intensidade da relação.

Uma teoria fornece uma estrutura para simplificar e descrever dados de maneira significativa. As teorias da personalidade têm de ser verificáveis, esclarecer e explicar os dados da personalidade e devem ser úteis para entender e prever comportamentos. As teorias formais são baseadas em dados obtidos a partir da observação de uma grande quantidade e tipos diferentes de pessoas. Essas teorias são objetivas e repetidamente testadas em relação à realidade. Algumas teorias da personalidade podem ser parcialmente autobiográficas, refletindo as experiências de vida de um teórico. A primeira etapa da construção de uma teoria pode ser intuitiva; as ideias fundamentadas da intuição podem ser posteriormente modificadas pelos conhecimentos racional e empírico.

Os teóricos da personalidade apresentam imagens distintas da natureza humana. Algumas das questões sobre as quais eles discordam são: livre-arbítrio *versus* determinismo, natureza *versus* criação, a importância do passado *versus* o presente, peculiaridade *versus* universalidade, equilíbrio *versus* crescimento e otimismo *versus* pessimismo. Fatores culturais, como as práticas de educação de crianças, podem levar a imagens diferentes da natureza humana.

Perguntas de revisão

1. De que modo nossa personalidade influencia o nosso possível êxito nas relações interpessoais, na nossa carreira e no nosso grau geral de saúde e felicidade?
2. Discuta as várias maneiras de definir a personalidade.
3. Qual é o ponto fundamental de divergência entre os enfoques de Wilhelm Wundt e John B. Watson?
4. Quando e onde começou o estudo científico da personalidade? Que papel teve Sigmund Freud na investigação da personalidade?
5. Dê exemplos de como a internet pode ao mesmo tempo moldar e refletir nossa personalidade. De que forma as personalidades daqueles que passam um tempo considerável usando o Facebook diferem das personalidades das pessoas que passam menos tempo no site?
6. De que maneira o gênero e a etnia afetam o estudo e a avaliação da personalidade?
7. Descreva a psicologia intercultural e o seu impacto no estudo da personalidade.
8. Exemplifique situações cotidianas que envolvam uma avaliação da personalidade. Relate sua própria experiência de ter sua personalidade avaliada.
9. De que forma as baixas confiabilidade e validade de uma técnica de avaliação poderiam afetar sua utilidade na seleção de novos funcionários para um emprego?
10. Quais as diferenças entre as técnicas de inventário e as projetivas para avaliar a personalidade e quais as vantagens e desvantagens de cada enfoque?
11. Como Rorschach desenvolveu suas manchas de tinta? Por que ele usou apenas dez delas?
12. Discuta as vantagens da aplicação on-line de testes.
13. Dê exemplos de procedimentos de amostragem comportamental e de amostragem de ideias para avaliar a personalidade.
14. Quais são algumas das limitações do método de amostragem de experiências? De que forma os dados fornecidos por este método se comparam aos dados de inventários de autorrelato?
15. Dê exemplos de maneiras pelas quais o processo de avaliação da personalidade pode ser influenciado pela etnia do participante da pesquisa.
16. Que problemas estão envolvidos na tradução de um teste de autorrelato desenvolvido nos Estados Unidos para uso em uma cultura diferente? Dê um exemplo de um desses problemas.
17. Quais as vantagens e desvantagens do enfoque de estudo de casos?
18. Quais os três requisitos de pesquisa científica que são preenchidos pelo método experimental?
19. Quais são as vantagens e limitações no uso da internet para a pesquisa psicológica quando comparadas com as pesquisas mais tradicionais de laboratório?
20. Dê um exemplo de pesquisa da personalidade que utilize o método correlacional.
21. Qual é a relação entre os dados e a teoria?
22. Descreva as diferenças entre as teorias formais e pessoais.
23. Como os fatores culturais podem afetar a nossa imagem da natureza humana? Dê exemplos.
24. Na nossa discussão sobre natureza humana foram feitas seis perguntas. Escreva as suas ideias sobre elas. No final do livro, pediremos que as reconsidere para ver como suas opiniões podem ter mudado.

DUANE P. SCHULTZ E SYDNEY ELLEN SCHULTZ

TEORIAS DA PERSONALIDADE

Tradução da 10ª edição norte-americana

Tudo o que você aprendeu até o momento, suas expectativas para o futuro e até mesmo seu estado de saúde são influenciados pela sua personalidade e a personalidade das pessoas com quem interage. Neste livro, você conhecerá as fascinantes ideias pelas quais psicólogos e outros cientistas avançaram para explicar a personalidade humana – a sua personalidade. Viajará pela história das vidas de grandes teóricos – de Sigmund Freud a Erikson, passando por Adler, Maslow, entre outros – e como suas próprias experiências podem ter influenciado as explicações que propuseram.

Com um texto didático, dinâmico, atualizado e eficaz, pois reflete a evolução científica na área, este livro estimula o leitor a procurar um aprofundamento no tema, levando as teorias para a vida dos estudantes e apontando caminhos para suas pesquisas.

Esta décima edição conta com novas seções para trazer o que há de mais moderno na avaliação daquilo que molda e reflete nossa personalidade, como as redes sociais, os testes computadorizados e o uso de dispositivos eletrônicos pessoais, além de atualizar o material sobre o uso da internet como laboratório de psicologia.

APLICAÇÃO

Destinado a alunos de graduação em Psicologia, Comunicação e Educação para disciplinas voltadas à introdução à psicologia e psicologia da personalidade. Também recomendado como leitura complementar para cursos de pós-graduação em Psicologia e cursos da área de humanas.

ISBN 13 978-85-221-2393-3
ISBN 10 85-221-2393-4

9 788522 123933

CENGAGE Learning®

Para suas soluções de curso e aprendizado,
visite **www.cengage.com.br**